

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**GEOGRAFIAS EM QUADRIHOS: IMAGINANDO UM MUNDO EM SALA
DE AULA**

RAFAEL MARTINS DA COSTA

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. IVAINE MARIA TONINI

**Dissertação apresentada
ao Programa de Pós
Graduação em Geografia
como requisito para
obtenção do título de
Mestre em Geografia.**

PORTO ALEGRE

2012

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**GEOGRAFIAS EM QUADRIHOS: IMAGINANDO UM MUNDO EM SALA
DE AULA**

RAFAEL MARTINS DA COSTA

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. IVAINE MARIA TONINI

**BANCA EXAMINADORA: Prof^a. Dr^a. Karla Maria Müller
Prof. Dr. Nelson Rego
Prof^a. Dr^a. Valéria Cazzetta**

**Dissertação apresentada
ao Programa de Pós
Graduação em Geografia
como requisito para
obtenção do título de
Mestre em Geografia.**

PORTO ALEGRE

2012

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos vão para:

Minha mãe, Odila Lanes Martins da Costa, e meu pai, Jurandir Ochagavia da Costa, pois sempre me ajudaram como puderam e me apoiaram, ainda que não entendessem nada do que eu fazia.

Minha querida companheira Daniela, por todas as vezes que parou para ouvir minhas ideias ou ler o que escrevia. Ela representou uma forte base para minha sustentação espiritual.

Minha filhinha Moema, que veio ao mundo em meio a tudo isso e, seja com seu sorriso, seja com seu choro, é minha fonte de inspiração.

Meu sogro e amigo, Sidnei João Michielin Dias, por me ajudar com as reformas da minha casa, preparando-a para a vinda da minha filha, sua neta. Sem ele, os primeiros meses de mestrado teriam sido muito mais difíceis.

Meu colega Carlos Geovani, que me prestou um inestimável apoio ao abrir as portas de sua sala de aula, permitindo que desenvolvesse minha proposta de trabalho.

Meu colega Wagner Innocencio Cardoso, por sua gentileza em ceder uma de suas obras fotográficas para que a usasse em meu estudo.

A comunidade escolar da EMEF Prof. José Link, de Gravataí, onde fiz minhas primeiras experiências com Quadrinhos em sala de aula.

A comunidade escolar da EMEF Dr. Jorge Germano Sperb, de São Leopoldo, por ter-me aceitado e acolhido como um dos seus.

Minha orientadora Prof^a. Dr^a. Ivaine Maria Tonini, pela confiança depositada em mim, recebendo-me e interessando-se por meu projeto, ainda que nunca tivesse me visto antes.

Os professores da banca de qualificação, Prof. Dr. Nelson Rego e Prof^a. Dr^a Karla Maria Müller, pois suas dicas serviram como um excelente guia para o restante do trabalho.

Os professores e colegas do Programa de Pós Graduação em Geografia da UFRGS, que escutaram ou se interessaram pelo meu projeto; sempre ouvi deles palavras de incentivo.

Todos os alunos e alunas que conheci em sala de aula, pois de uma maneira ou de outra, nunca deixei de ser um deles.

C837 Costa, Rafael Martins da

Geografias em Quadrinhos Imaginando um mundo em sala de aula. / Rafael Martins da Costa. – Porto Alegre : UFRGS/PPGea, 2012.

112 f. il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, RS - BR, 2012.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ivaine Maria Tonini

1. Geografia. 2. Quadrinhos. 3. Ensino de Geografia. 4. Educação Visual. 5. Imagens. I. Título.

CDU 911:37

Catálogo na Publicação

Biblioteca do Instituto de Geociências - UFRGS

Renata Cristina Grun CRB 10/1113

Nós procuramos por uma vida na imagem da vida

(Coletivo Crimethinc, 2010, p.162)

RESUMO

A busca por uma prática mais coerente com uma contemporaneidade globalizada, de espaços e tempos mais comprimidos, bem como uma juventude menos disposta à obediência cega e à passividade, se faz necessária nesse momento. A atuação individual do professor em sala de aula, se não é a única responsável por uma maior abertura da escola para a vida, é um aspecto importante disso; portanto, nela focarei minha discussão. Assim, insiro a proposta de utilização das Histórias em Quadrinhos no ensino de Geografia. A linguagem dos Quadrinhos, que mescla imagens e textos para narrar uma história ou um acontecimento, desde seu surgimento, se espalhou pelo mundo e tornou-se, inclusive, um meio de comunicação de massas. Por muito tempo, a escola e a academia mantiveram-se fechadas para essa linguagem, dando-lhe um valor menor como forma de leitura. Com o passar do tempo, essa realidade vai se transformando e, atualmente, são muitos os trabalhos científicos que trazem as Histórias em Quadrinhos como tema. A Geografia, como campo de conhecimento e como discurso científico, ao longo de sua existência, teve, no uso das imagens, uma base para fundamentação de suas proposições. Ao tomarmos conhecimento do mundo através das imagens que nos chegam dele, vemos como a educação do olhar é um aspecto importante no ensino de Geografia, tendo aí os Quadrinhos uma grande contribuição a dar. Neste estudo, analiso atividades realizadas por alunos em sala de aula, nas quais o conteúdo geográfico é tratado através da linguagem quadrinística, numa tentativa de estimular a imaginação e a criatividade, bem como o espírito crítico. Através de Histórias em Quadrinhos produzidas pelos estudantes é possível analisar sua visão sobre a cidade e bairro em que moram e se ela se diferencia de outras visões. Trata-se de uma experiência e uma discussão, não de uma obra definitiva sobre o assunto, com conclusões fechadas.

Palavras-chave: Quadrinhos, Ensino de Geografia, Educação Visual, Imagens.

ABSTRACT

It is fundamental today to seek for a more coherent practice in a globalised contemporaneity with less time and space, and young people who are less willing to blindly obey. The teacher's individual performance in the classroom, if not solely accounts for the school openness for life, is a significant aspect of it. Thus, I insert the proposal for the use of comics in Geography teaching. Blending pictures and texts to narrate a story or event, in the early beginnings comics language spread all over the world and has become a mass medium. For a long time the school and academy were close for that language, giving it a lower value for reading. Over time this reality was changed and today many scientific works have it as their subject. Geography as a knowledge field and scientific discourse has used images as a base for its propositions. When we are aware of the world through pictures of it, we see how the education of the gaze is significant aspect of Geography teaching, comics having an important role for this. In this study, I analyse students' activities in the classroom, in which Geography is addressed through comics language, in an attempt to stir imagination, creativity and critical thinking skills. With comics students produced, it is possible to analyse their views on their town and neighbourhoods and whether they are different from other views. It becomes an experience and discussion, rather than a definitive work on the subject with closed conclusions.

Keywords: Comics, Geography Teaching, Visual Education, Pictures

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	9
LISTA DE TABELAS	11
PORQUE QUADRINHOS? POR QUE GEOGRAFIA?	12
1 A CRIATIVIDADE EM SALA DE AULA	16
1.1 NOVAS VELHAS LINGUAGENS.....	22
2 APRESENTANDO OS QUADRINHOS	26
2.1 A HISTÓRIA DOS QUADRINHOS: BREVES APONTAMENTOS.....	27
2.2 A LEITURA DOS QUADRINHOS: CONHECENDO SEUS CÓDIGOS.....	36
2.3 A LINGUAGEM DOS QUADRINHOS E O ENSINO: UMA POSSÍVEL CONEXÃO.....	40
3 IMAGENS E GEOGRAFIA	45
3.1 A VISÃO ALÉM DO ALCANCE	46
3.2 O MUNDO DAS IMAGENS E AS IMAGENS DO MUNDO.....	53
4 RUMO AO FRONT	57
4.1 NO FRONT.....	61
4.2 COMEÇANDO A BATALHA	64
4.2.1 Observação em Sala de Aula	64
4.2.2 Conhecendo os Quadrinhos	65
4.2.3 Preencher os Balões e Ordenar os Quadrinhos.....	67
4.2.4 Analisar a Página de Quadrinhos	78
5 LENDO O ESPAÇO EM QUADRINHOS	82
5.1 A PRODUÇÃO DOS QUADRINHOS	83
5.2 A LEITURA DOS QUADRINHOS.....	84
5.3 A EXPOSIÇÃO DOS QUADRINHOS.....	97
6 SUGERINDO CAMINHOS	103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	106
REFERÊNCIAS DAS FIGURAS	110

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: O sucesso de seus filhos	23
Figura 2: Pintura rupestre.....	26
Figura 3: Hieróglifos	27
Figura 4: Coluna de Trajano.....	28
Figura 5: Detalhe da Coluna de Trajano	28
Figura 6: <i>Jogos Infantis</i>	29
Figura 7: <i>Yellow Kid</i>	30
Figura 8: <i>Action Comics</i>	31
Figura 9: <i>Tico Tico</i>	32
Figura 10: Naruto	34
Figura 11: Onomatopéia.....	37
Figura 12: Metáforas visuais	37
Figura 13: Linhas cinéticas.....	38
Figura 14: <i>Desvendando os Quadrinhos</i>	38
Figura 15: <i>Desvendando os Quadrinhos2</i>	40
Figura 16: O mundo subdesenvolvido	43
Figura 17: Porto Alegre do futuro	47
Figura 18: <i>Crônica de Nuremberg</i>	48
Figura 19: Francisco de Holanda	48
Figura 20: Horóscopo católico.....	49
Figura 21: Tratado de Tordesilhas	50
Figura 22: O norte da África	51
Figura 23: Mapa-múndi de Mackinder.....	51
Figura 24: Praça da Alfândega.....	54
Figura 25: Câmara municipal de São Leopoldo	59
Figura 26: São Leopoldo	59
Figura 27: A “Caída do Céu	61
Figura 28: E.M.E.F. Jorge Germano Sperb.....	62
Figura 29: Capas de revistas usadas em sala de aula.....	66
Figura 30: Estatuto da Criança e do Adolescente	67
Figura 31: Estatuto da Criança e do Adolescente 2	68
Figura 32: Atividade 1	69

Figura 33: Atividade 1b	70
Figura 34: Na frente da escola	71
Figura 35: Atividade 2	73
Figura 36: Engarrafamento	74
Figura 37: Linha de montagem.....	74
Figura 38: <i>Fractal</i>	78
Figura 39: Alunos no EVAM.....	80
Figura 40: Superando Dificuldades	85
Figura 41: Crianças Com Fome!	88
Figura 42: Um Olhar Sobre a Humanidade	90
Figura 43: Um Olhar Sobre a Humanidade 2	91
Figura 44: Um Mundo Diferente	94
Figura 45: Um Mundo Diferente 2	95
Figura 46: Alunos montando a exposição	98
Figura 47: Alunos na exposição	99

LISTA DE TABELAS.

1- Dados socioeconômicos do município de São Leopoldo.....	58
2- Dados socioeconômicos do Estado do Rio Grande do Sul.....	58
3- Cronograma das atividades realizadas	63

POR QUE QUADRINHOS? POR QUE GEOGRAFIA?

Essa associação, aparentemente inusitada, entre as Histórias em Quadrinhos¹ (HQs) e o ensino de Geografia² emerge do desejo de unir interesses pessoais deste pesquisador. Como professor, atuando primeiro na rede pública estadual do Rio Grande do Sul e, depois, na municipal de Gravataí, pensei e experimentei formas de utilização dos Quadrinhos em aula, buscando alternativas para tornar meu trabalho mais prazeroso e, quem sabe, alcançar resultados de aprendizagem mais satisfatórios. Escrevendo e desenhando Quadrinhos, em meios virtuais ou impressos, era constante minha reflexão sobre modos de associar essa atividade com a minha profissão.

Vivemos um importante momento, de reconhecimento das potencialidades dessa linguagem, para além do entretenimento. São cada vez mais numerosos os trabalhos acadêmicos que trazem os Quadrinhos como temática principal, Silveira (2002), Silva (2010), Gomes e Góis (2008), Barbosa (2005), entre outros, exploram seus aspectos linguísticos, educacionais, comunicacionais, artísticos, políticos, etc. Outra evidência disso é a realização da 1ª Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos³, no ano de 2011, na Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), sendo este, talvez, o primeiro evento científico do Brasil a ter nas HQs seu mote, com a inscrição e apresentação de trabalhos de cerca de duzentos pesquisadores das áreas de Comunicação, Filosofia, História, Linguística, Letras, Física, Biologia, Ciências Sociais e muitas outras.

Esta investigação se constituiu de dois momentos principais: no primeiro momento, inspirei-me nos Quadrinhos para a realização de minha pesquisa, acreditando que essa linguagem poderia ser uma ferramenta para auxiliar um ensino mais significativo de Geografia nas escolas, servindo como uma espécie de meio para a transmissão de conteúdo, mais dinâmico para os alunos e menos corriqueiro do que o quadro-verde ou o livro didático; no segundo momento, se dá a realização das leituras indicadas nas disciplinas cursadas e nas sessões de orientação e de qualificação. É importante destacar que é

¹ Usarei, nesses casos, letra maiúscula para diferenciar esses termos das palavras “quadrinhos” ou “história”, que aparecerão em minúscula, no trabalho, com outros sentidos.

² Escrevo Geografia com “G” maiúsculo apenas para marcar o nome próprio da disciplina.

³ Disponível em <http://www.jornadasinternacionais.com.br/>

neste momento que tomo contato com um campo até então desconhecido para mim: o dos Estudos Culturais. A partir daí, as Histórias em Quadrinhos passam a significar algo além de um receptáculo para o transporte do conteúdo geográfico, pois a ideia de que elas, mais do que falar sobre algo, falam algo, pareceu-me muito interessante, ou seja: os objetos existem, também, pela maneira como nos referimos a eles (HALL, 1997).

Apesar de se apoiar em determinadas leituras, é difícil estabelecer de forma definitiva uma perspectiva científica na qual se enquadre esta pesquisa, assim como também o é para o próprio campo dos Estudos Culturais (ESCOSTEGUY, 2006). Por isso, prefiro a ideia de que o trabalho se inspira nesse campo de estudos, mais do que, propriamente, faz parte dele. Da mesma forma, não há a intencionalidade, nem a preocupação, de enquadrar o trabalho ou ajustá-lo, de antemão, às lentes de qualquer ponto de vista acadêmico.

Da mesma forma, autores da chamada Geografia Cultural serviram de fundamentação, além de inspiração, para o estudo. Porém, não creio que esse fato seja suficiente para gerar a afirmação de que o pesquisador fala posicionado inteiramente nessa perspectiva.

Acima de tudo, procurei pensar e levar a cabo propostas diferentes de prática de ensino, além de levantar questões pertinentes para a minha atuação como professor e, quiçá, para a de meus colegas. Fazer com que a linguagem dos Quadrinhos avance da função de ilustração de livros escolares e passe a ocupar aí uma posição mais próxima a do texto escrito, ou, ao menos, problematizar essa situação, também é uma ambição desse estudo. Fortalecendo esse ponto de vista, chamo a atenção às HQs que servem de abertura para cada capítulo. Criadas e desenhadas por mim, não as inseri como ilustrações, pois não é esse o papel delas. Assim, elas devem ser lidas da mesma forma que os textos.

Este estudo é mais um esforço, entre vários, na busca de um ensino significativo que leve também a uma educação preocupada com o estímulo à criatividade dos estudantes, explorando sua imaginação, pensamento e senso crítico. Sem a pretensão de levar a salvação aos oprimidos, nem de libertá-los. Apenas contribuo com mais um prego na construção desse barco, onde viajaremos todos, ou ninguém.

A partir deste contexto, esta pesquisa tem a intenção de estabelecer uma construção entre História em Quadrinhos e ensino de Geografia através de atividades propostas a alunos a fim de analisar suas leituras do espaço geográfico.

Assim, em *A Criatividade em Sala de Aula*, debato os instrumentos e práticas mais comumente usados no ensino e até que ponto eles têm favorecido a criatividade e a imaginação dos alunos. A escola, como instituição, tem sido um ambiente favorável a alternativas? Que papel tem o professor, solitário em sala de aula, na busca destas? Considerando essas questões, insiro minha proposta, procurando contribuir com um ensino de Geografia que vá além da memorização de conteúdos e busque dar conta das exigências de uma contemporaneidade globalizada e fragmentada e de uma juventude cada vez mais inquieta. Também aqui apresentarei meus objetivos com o trabalho, que vão além de usar as HQs como um auxiliar para transmissão de conhecimentos.

Em *Apresentando os Quadrinhos*, trato com mais ênfase o tema principal da pesquisa, os Quadrinhos. Dessa forma, procuro discutir os acontecimentos que os cercam e como alguns autores estabelecem a sua história, das pinturas rupestres à grande indústria do entretenimento. Também exploro os elementos que compõem a linguagem quadrinística, o modo como eles comunicam e como é tão necessária a interação com a imaginação do leitor, exigindo deste um papel mais além do que o de um passivo receptor de conteúdos. Por fim, veremos o quanto as HQs podem contribuir para propostas de práticas pedagógicas e como elas têm sido tema de vários trabalhos acadêmicos, nas mais diversas áreas do conhecimento, das artes à matemática.

A provável aproximação entre as HQs e a Geografia é insinuada em *Imagens e Geografia*, onde procuro expor os referenciais teóricos da pesquisa e exploro a forte ligação da linguagem imagética com o conhecimento geográfico. Para formular suas proposições, essa ciência - que possui *grafia* em seu nome - sempre se apoiou no uso de imagens dos mais diversos tipos: desenhos, fotografias, fotos de satélite, mapas, etc. Assim, mais do que transmitir conteúdos, esses meios produziram também significados sobre o mundo.

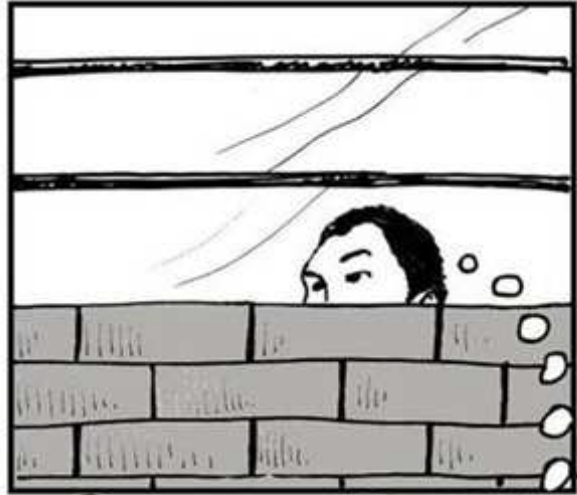
A proposta de prática para o uso das HQs em aula, o trabalho de campo, as ideias que permeiam a pesquisa e o que poderia ser a sua metodologia aparecem em *Rumo ao Front*. Lá veremos como se deu minha aproximação com a Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Jorge Germano Sperb, em São Leopoldo, região metropolitana de Porto Alegre, e como se realizaram as atividades com os alunos da 7ª série. A prática buscou articular, através da linguagem dos Quadrinhos, o conteúdo de Geografia estudado com diferentes atividades de sala de aula.

Em *Lendo o Espaço em Quadrinhos*, sem buscar algo escondido em algum suposto interior e inspirado na análise de discurso de Foucault e autores relacionados, analiso histórias em Quadrinhos de alunos e discuto a construção da leitura geográfica realizada por eles e em que ponto a visão espacial apresentada nos trabalhos se difere da de outros personagens da cidade, como a prefeitura, por exemplo.

O estudo não busca chegar a uma conclusão definitiva em *Sugerindo Caminhos*, tampouco formular uma receita a ser aplicada em qualquer sala de aula de qualquer escola, assim, não pretende ser uma salvação para os professores cansados e alunos desinteressados. Como já disse, procuro refletir e levantar questões, além de articular ideias que, para mim, são próximas e complementares, experimentando alternativas para o ensino de Geografia.

1

A CRIATIVIDADE
EM SALA
DE AULA



1 A CRIATIVIDADE EM SALA DE AULA

Fim de ano em certa escola pública brasileira:

Os alunos da Escola Estadual Professora Heloísa Carneiro, na Vila Santa Catarina, Zona Sul de São Paulo, resolveram "comemorar" o fim de ano queimando os livros e apostilas didáticos. Foi preciso chamar o Corpo de Bombeiros para apagar o fogo, resultado da queima de cadernos, livros e apostilas. O ato aconteceu na quinta-feira (24) e foi gravado por uma das alunas. As cenas foram parar na internet.

Os papéis foram jogados em cima de carros e de pessoas. A Rua Antônio Covello foi quase bloqueada. Nesta segunda-feira (28), a limpeza já havia sido feita, mas é possível encontrar restos de cadernos. "Começaram a botar fogo nas apostilas. Então jogaram todas no meio da rua e atearam fogo. Ficou um negócio até feio e achamos que ia pegar a fiação. Veio a polícia, o Corpo de Bombeiros para apagar o fogo", conta o dono de um pet shop, Cláudio Miguel.

[...] Segundo outra aluna que estudou na Heloísa Carneiro há dois anos, a queima de livros e apostilas é uma espécie de "tradição de fim de ano". "Todo ano sempre tem. É uma forma de liberdade", diz Tamires Eduarda.⁴

O recorte acima, tirado de um site de notícias, faz lembrar o videoclipe *Another Brick in the Wall*, do grupo inglês *Pink Floyd*. Quem já o assistiu se surpreendeu com as imagens da revolta de alunos derrubando paredes, destruindo e queimando classes e livros escolares. A fala atribuída à aluna, na citação, aumenta os laços com esse vídeo: "É uma forma de liberdade", ela disse. Que significado pode ter a situação descrita aqui? Não é o objetivo deste estudo buscar uma resposta para essa questão, porém é curioso observar, no caso noticiado, a escolha do livro didático como alvo simbólico para o descarrego de toda tensão acumulada durante o ano escolar. Cada página arrancada e jogada ao alto pode ser vista como uma resposta àquelas horas passadas dentro de uma sala de aula fechada, querendo estar em outro lugar, livre.

A intensidade da comemoração é proporcional ao tempo passado nas janelas, observando a rua vazia, esperando impacientemente pelo sinal de saída para correr livremente atrás de uma bola ou atrás dos colegas. Aqueles

⁴ Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/11/alunos-de-escola-publica-queimam-livros-para-comemorar-fim-de-ano.html>. Acesso em: 28 novembro 2011.

jovens de comportamento menos agitado pensam no próximo capítulo da novela ou do seriado preferidos; há também os que pensam nos amigos das redes sociais, como *Orkut* ou *Facebook*. Outros ficam imaginando a maneira de abordar a menina ou o menino desejado, ou no novo modelo de boné, ou no que farão para se vingar do desafeto, entre outras inúmeras preocupações de suas vidas.

Até chegar o tão esperando fim de ano, os alunos devem se contentar com a hora do recreio ou da saída, ou com os dias de feriado. Quando estão na sala de aula, o Professor é o responsável por preencher o tempo deles. Este profissional tem uma tarefa difícil, ainda mais tendo a vida como adversária na concorrência por atenção. Alguns estudantes se insurgirão e o tratarão como um inimigo, um obstáculo entre eles e o tão querido mundo lá fora, onde estão todas as coisas que lhes interessam tanto. Outros, resignados, tentarão encarar a aula obedientemente. De qualquer maneira, o que for proposto a eles como atividade deverá, obrigatoriamente, ser tão ou mais atrativo quanto a vida além da escola. Caso contrário, a proposta poderá ser recebida de duas formas: com rechaço ou com indiferença.

Os recursos para o desempenho dessa tarefa não são muitos. Há escolas públicas onde a máquina fotocopadora espera eternamente por manutenção, ou simplesmente não existe. Frequentemente os alunos são organizados em duplas para ler algum capítulo de um livro didático, pois, por vezes, este não existe em número suficiente para todos. Poucos são os que se interessam por essa leitura e, em alguns momentos, arremessar os livros um no outro se torna muito mais atrativo. Também é comum o uso do aparelho celular para fotografar os colegas ou para se comunicar com o mundo lá fora, pois isso ajuda os alunos a suportar o seu confinamento na sua cela/sala de aula, tornando mais fácil essa estadia, quase sempre, involuntária. A promessa de rendimento financeiro em um futuro distante não é capaz de convencê-los dos benefícios de passar horas em bancos escolares, ainda mais quando seus heróis da TV (artistas e jogadores), sem tirar boas notas em provas de Geografia ou de qualquer outra matéria, se tornam milionários da noite para o dia.

Essa pequena narração, meio fictícia meio verídica, nos fala da importância de buscar diferentes práticas para o ensino de Geografia, que

parece ser premente nos dias atuais. Principalmente se considerarmos a situação das escolas públicas brasileiras. Existe a pobreza de recursos, os quais não vão muito além do livro didático e do uso do quadro, pouco adequados para um público de alunos extremamente estimulado visualmente pelos meios de comunicação. Temos também a lista de conteúdos como elemento que emperra, da qual muitos professores ainda não conseguiram se desvencilhar e cuja importância na formação dos frequentadores das salas de aula segue sendo bastante discutível. Depois, podemos elencar o desestímulo profissional, o descaso governamental, as mudanças de costumes da sociedade, a globalização, etc. O objetivo aqui não é esmiuçar essas causas, pois podem ser inúmeras. O fato é que temos uma situação adversa para quem quer desenvolver uma prática de aula estimulante e imaginativa.

O uso de questões de memorização ainda é uma prática corrente em aula: Qual é o clima predominante na Região Norte do Brasil? Quais são os Estados da Região Sul brasileira? O que significa Estado-Nação? O que foi a Guerra-Fria? O que quer dizer erosão? O que é o efeito-estufa? Qual o papel do FMI no mundo? Quem foi Chico Mendes?

Quantas vezes, enquanto estudantes, tivemos que responder a questões parecidas com essas e quantas, como professores, as elaboramos? Entretanto, a principal intenção deste estudo é questionar se, com essa prática, está-se colaborando para um ensino de Geografia atrativo e que estimule a criatividade e a imaginação dos alunos, chegando a uma aprendizagem significativa. Além disso, também é pertinente perguntar: que forma de leitura do espaço geográfico é desenvolvida dessa maneira ao exigir que os alunos decorem questionários?

Cavalcanti (2005, p. 24) levanta a discussão quanto a essa problemática, insistindo “na importância dos objetivos de ensino para a Geografia, referidos principalmente ao caráter de espacialidade de toda a prática social”. Ou seja, para a construção de uma prática que tenha como objetivo a compreensão da realidade a partir do ponto de vista espacial, dos processos e das relações sociais que se inscrevem e são escritas no e pelo espaço, o tradicional modelo “a Terra e o homem” (VESENTINI, 2004, p. 227) ou o da “revista de variedades do mundo” (KAERCHER, 2004, p. 26), parecem não servir mais.

Tampouco essa prática de aula, baseada na memorização, se presta para explicar uma contemporaneidade caracterizada por transformações quanto à percepção do espaço e do tempo, onde tudo parece estar mais próximo e também tudo parece acontecer mais rapidamente. Sobre isto, Baumann (2007, p. 11) destaca: “[...] num planeta atravessado por ‘auto-estradas’ da informação, nada que acontece em alguma parte dele pode de fato, ou ao menos, potencialmente, permanecer do ‘lado de fora’ intelectual”. Aqui o autor fala da estreita ligação comunicacional em todos os cantos do globo, tornando possível o conhecimento de tudo o que ocorre, não importa onde tenha ocorrido. Isto nos leva a pensar se as escolas que conhecemos acompanham as mudanças observadas no mundo e se as práticas desenvolvidas aí dão conta de atender aos anseios dos sujeitos envolvidos nessa realidade globalizante.

Para tal tarefa, seria necessário um esforço pessoal por parte do professor, pois a instituição escola como está pensada parece tomar a direção contrária dessa ideia. As disciplinas estanques, o arranjo espacial das salas de aula e do próprio espaço escolar e o sistema avaliativo têm mais papel de controle social (GALLO, 2003) do que de apresentar e problematizar o mundo. Portanto, não tenho a intenção de pensar formas melhoradas de controle social, nem de criar uma proposta de prática mais atraente, como se fosse uma espécie de isca “capaz de atrair a atenção dos alunos e alunas para os conteúdos que teríamos a missão de ensinar, ou, ao menos, ocupá-los para que permaneçam sentados e observem o que lhes é ordenado” (SILVEIRA, 2002, p.9).

Ao contrário, o objetivo é operar as pequenas resistências efetuadas no interior da sociedade em confronto com as políticas elaboradas em nível macro e disseminadas para todo o lado, num movimento de cima para baixo. Assim, não busco o enquadramento em qualquer corrente pedagógica definida de antemão. Tampouco tenho a pretensão de criar uma nova. Não tenho a intenção de ser um professor-profeta (GALLO 2003), aquele pregador que, a partir de suas profundas críticas à sociedade atual, apresenta o novo mundo aos alunos, guiando-os através de um longo deserto em direção à Terra Prometida. Ao invés disso, me atrai mais a ideia de professor-militante (GALLO 2003), que age individualmente, porém não isolado. Que procura por esse

“novo mundo” entre os alunos, nas relações com os demais colegas, no ambiente social e também sindical. Sempre num viés de construção coletiva, procurando atingir cada indivíduo e não a multidão. Convertendo a sala de aula em uma trincheira na resistência à máquina trituradora da educação maior⁵, que uniformiza o conhecimento, disciplina o pensamento e mata a criatividade. Opondo, então, a tudo isso, uma educação menor, preocupada com a individualidade e com o trabalho árduo e cotidiano, assumindo os riscos de uma luta minoritária, ou seja, aquela sem direito a holofotes, sem glamour ou menção honrosa, sem apertos de mãos, “tapinhas nas costas” ou convites para sessões solenes. Resistir à cooptação da educação maior é o seu principal objetivo, tal qual um *partisan* sabotando trilhos de trem durante a calada da noite, numa França ocupada pelos nazistas.

Nesse sentido entendo, como Vesentini (2004, p. 228), que:

Um ensino crítico da geografia não se limita a uma renovação do conteúdo – com a incorporação de novos temas/problemas, normalmente ligados às lutas sociais [...] Ela também implica valorizar determinadas *atitudes* [...] e *habilidades* [...] E para isso é fundamental uma adoção de novos procedimentos didáticos: não mais apenas ou principalmente a aula expositiva, mas, sim, estudos do meio (isto é, trabalhos fora da sala de aula), dinâmicas de grupo e trabalhos dirigidos, debates, uso de computadores (e suas redes) e outros recursos tecnológicos, preocupações com atividades interdisciplinares e com temas transversais, etc (grifo meu).

Essa busca de atuar como um professor engajado em um ensino que estimule o pensamento e a imaginação dos alunos também se dá com a construção de novas propostas de prática em aula, não apenas na mudança de conteúdos escolares ou através de uma suposta conscientização ou de iluminação. Além disso, a ênfase em atividades de memorização pode dar poucos resultados se o que queremos é possibilitar um olhar mais atento para o mundo, para, então, como vai dizer Callai (2003, p. 60-61):

ler a paisagem, ler o mundo da vida, ler o espaço construído [...] o nosso grande trabalho é fazer essa leitura com referenciais teóricos que permitem teorizar, superando o senso

⁵ “Educação maior” e “educação menor”: conceitos que Gallo (2003) “reterritorializa” na educação, a partir da oposição “literatura maior” e “literatura menor”, proposta por Deleuze e Guatarri, inspirados na leitura e análise da obra de Kafka.

comum e fazendo análises que possibilitem uma interpretação e compreensão dos mecanismos que constroem os espaços.

Tais perspectivas demonstram a pertinência da discussão sobre novas linguagens em sala de aula, onde a criatividade e a capacidade de interpretação passem a ser elementos que se sobressaiam no ambiente escolar, mais do que a memorização ou a capacidade de sentar-se e obedecer.

1.1 NOVAS VELHAS LINGUAGENS

Quantas questões podem ser articuladas partindo de uma ideia? Isso parece algo difícil de mensurar, pois é como perguntar qual o limite da imaginação humana. Alguém seria capaz de dar tal resposta? Apostando na impossibilidade dessa tarefa, ousou, no presente trabalho, buscar articular temáticas oriundas de mais de um campo do conhecimento. Um deles, obviamente, vem do ensino de Geografia, que representa a linha de pesquisa à qual me encontro ligado. Nesse sentido, a investigação de como se dá o processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos geográficos será o tema encontrado por aqui. Daí parece se desprender facilmente o debate sobre o uso de outras linguagens no ambiente escolar, o que exige a incursão em áreas como da Comunicação e da Linguagem. Por fim, investigar como circulam e podem ser percebidos os diferentes discursos geográficos entre os alunos, mais especificamente, a respeito de um dado conteúdo que será apresentado alguns capítulos mais adiante. Essa é outra questão a se entrelaçar às iniciais. Desfazer esse rolo, ainda que em parte, é a tarefa a que me proponho nas linhas que se seguem.

Muito se fala sobre a adequação temporal dos recursos normalmente usados em sala de aula: O quadro-verde, o giz, o livro didático, etc. Acredito que estes podem ser complementados por outros instrumentos, numa busca de diversificar as práticas de ensino. Também existe a lista de conteúdos, da qual muitos professores e professoras ainda não conseguiram se desvencilhar e cuja importância na formação dos e das que frequentam as escolas segue bastante discutível.

As alterações no modo de existência da contemporaneidade, nas formas de aquisição de informações, nas relações sociais e nos modos de pensar e

estar no mundo também precisam ser alvo de preocupação de quem pensa novas formas de trabalho escolar (FISCHER, 2007). Nesse rol devemos incluir a importância dos meios de comunicação e dos materiais midiáticos nas práticas de ensino, plataformas essas que têm na imagem o elemento fundamental para transmissão de informações. Estou me referindo ao cinema, à TV, à fotografia. É a indústria do entretenimento que, fazendo circular mercadorias, protagoniza um tipo de pedagogia cultural. Esta, recheada de símbolos e de valores, acaba por influenciar comportamentos, principalmente os da juventude, público majoritário nas escolas. Por exemplo: os discursos circulantes nas atuais narrativas sobre a infância, articuladas na mídia, envolvem a criança numa rede de subjetivação na qual um ser infantil menos ingênuo, imaturo e inseguro aparece como o protagonista (COSTA, 2005).

Gerszon (2007) faz um trabalho aprofundado quanto à discursividade presente em certas revistas de grande circulação nacional, usadas, frequentemente, como fonte de pesquisa em escolas e lares. Essas mídias, segundo a autora, dão sustentação ao modelo neoliberal, distribuindo papéis, produzindo sujeitos e inscrevendo cada um em uma determinada posição dentro das relações de poder na sociedade. Como parte dessa produção de subjetividades, ilustrações de crianças em trajes sociais, comportando-se como pequenos adultos, povoam as matérias relativas à educação - como pode ser visto na Figura 1 - ao mesmo tempo em que também educam. É preciso explicar que não procuro, com esse exemplo, defender uma suposta necessidade de adaptação a uma realidade inexorável, pretendendo que os professores passem a se preparar para as exigências trazidas por ela, agindo apenas de forma reativa. Trago essa discussão numa tentativa de estabelecer um cenário, identificando as “forças” em jogo, proporcionando uma movimentação mais adequada no “terreno” onde a batalha está sendo travada.

Castrogiovanni (2003) ao falar sobre o contexto atual do ensino coloca a existência de um distanciamento entre a escola e a vida. A primeira, incapaz de apresentar o mundo ao aluno, necessitando, para tal, novas formas de leitura da vida, as quais se apresentem como desafios a um jovem do século XXI, mais precoce e contestador, participe de uma cultura audiovisual (COSTA, 2005) e menos afeito a sentar-se e ouvir complacientemente o que quer que seja. E entre as possíveis linguagens a serem aproveitadas para esse fim,

algumas já citadas nesse texto, uma será mais bem discutida aqui, as Histórias em Quadrinhos. Procurarei, durante o estudo, apresentar o potencial dessa linguagem híbrida de textos e imagens para o ensino e como ela pode ser cativante e estimulante.



Como um meio de comunicação, não se pode dizer que sejam as HQs, propriamente, uma novidade; o olhar sobre elas é que tentará ser o novo nesse trabalho. Os quadrinhos podem ser transmissores de valores, formadores de identidades e produtores de significações. Podem ser também constituintes das ideias, costumes e modos de vida das sociedades humanas. Dito de outra forma, são produtores de cultura. Entendida, esta, como um sistema de significados e códigos que dão sentido às nossas ações e interpretações sobre o mundo (HALL, 1997). Descarto, portanto, qualquer noção que proponha a existência de uma cultura superior e outra inferior.

Dessa forma, os quadrinhos podem ser uma prática cultural que produz e faz circular significados a respeito de muitas coisas. Silveira (2002), no seu trabalho intitulado *Produção de significados sobre Matemática nos cartuns*, faz uma discussão a respeito da identidade da disciplina matemática veiculada pelos quadrinhos, a qual é sempre vista como o “bicho-papão” ou o “terror” dos estudantes. Esse modo de pensar pode nos levar, então, a considerar as HQs mais do que um mero auxiliar na apresentação de conteúdos geográficos, mas como, elas próprias, produtoras de sentido. Não como um simples receptáculo de informações, mas como uma linguagem a ser lida, analisada e estudada, do mesmo modo que a televisão, a literatura, o cinema, o rádio ou a internet. Podem ser consideradas mais do que um meio portador do discurso sobre algo, sendo também as próprias produtoras desse algo. Por isso têm seu papel em sala de aula. Usadas como recurso de expressão, são uma maneira de explorar a criatividade dos alunos e chamar-lhes a refletir sobre o conteúdo que lhes é apresentado e, por que não, sobre o mundo.

Então, outras questões podem ser postas: O ensino da Geografia pode se valer de outras linguagens para a sua análise? Mapas, imagens de satélites e gráficos podem andar ao lado de Histórias em Quadrinhos? Que linguagens a Geografia pode trabalhar em sala de aula e por quê? As HQs são adequadas para o ensino? Buscar desfiar essa trama, inclusive recorrendo ao apoio de autores externos à Geografia e tentar entender de que maneira os significados que trazem as HQs a respeito de assuntos geográficos podem se articular com os questionamentos do início deste item. Eis o desafio a ser enfrentado através da análise de diferentes propostas de trabalho com quadrinhos com alunos do ensino fundamental de uma escola da Região Metropolitana de Porto Alegre a partir de temáticas escolhidas, tendo os seguintes objetivos:

1. Analisar os discursos das HQs elaboradas pelos alunos;
2. Refletir sobre as articulações entre o contexto geográfico e o enredo de algumas HQs introduzidas em aula;
3. Explorar os elementos da linguagem dos Quadrinhos para a leitura geográfica;
4. Propor atividades pedagógicas para o ensino de Geografia.

2

APRESENTANDO
OS
QUADRINHOS



2 APRESENTANDO OS QUADRINHOS

2.1 A HISTÓRIA DOS QUADRINHOS: BREVES APONTAMENTOS

Sem procurar estabelecer a gênese de uma série de acontecimentos intercalados numa coerente lógica de causa e efeito, apenas aproximo fatos que ajudam a perceber como, em várias épocas, imagens em sequência foram usadas na elaboração de narrativas, fictícias ou não. Moya (1977), no seu trabalho *Shazam!*, vai identificar nas pinturas rupestres encontradas em paredes de cavernas um dos antepassados distantes dos quadrinhos. Através delas seres humanos primitivos procuravam eternizar o seu modo de vida, as caçadas, os rituais, enfim, o dia a dia, como se pode ver na Figura 2. Os hieróglifos egípcios seriam também os primórdios de uma linguagem imagética, formando símbolos que já se aproximariam de letras, podendo já ser considerados híbridos entre texto e imagem. Na Figura 3 temos um exemplo.



Figura 2: Pintura rupestre.
Fonte: Museu do Polt, 2011.



Figura 3: Hieróglifos.
Fonte: O Escriba Egípcio, 2009.

A Coluna de Trajano, vista na Figura 4 e, em detalhe, na Figura 5, é um monumento encontrado na cidade de Roma e narra os feitos militares romanos através de uma sequência de imagens esculpidas em mármore que vão se desenrolando do topo até a base, como um pergaminho. Essa obra poderia ser considerada a precursora das HQs italianas, que nesse país são conhecidas como *fumetti*. Outro exemplo de antecessor da linguagem dos quadrinhos – e, portanto, das HQs – são as representações da Paixão de Cristo, encontradas emolduradas em quadros e penduradas nas paredes de qualquer igreja. Também a obra de Pieter Bruegel, *Jogos Infantis*, exemplificada na Figura 6, sugere uma continuidade entre as figuras, ainda que desenhadas em um mesmo quadro (MOYA, 1977).



Figura 4: Coluna de Trajano.
Fonte: História e Cultura das Artes, 2010

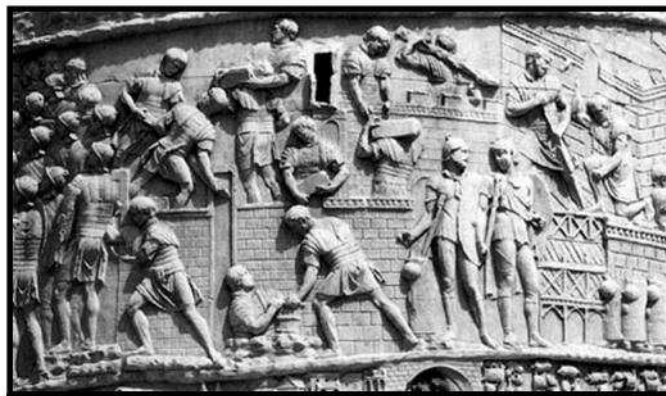


Figura 5: Detalhe da Coluna de Trajano.
Fonte: Um Olhar Sobre a Arte, 2009.



Figura 6: Jogos Infantis.
Fonte: Arteducação Online, 2010.

Entretanto, as HQs foram tomando a aparência que conhecemos hoje com o advento da imprensa nos Estados Unidos e o surgimento dos suplementos dominicais coloridos que acompanhavam os jornais de então. Em 1895, no jornal *New York World*, era publicado o *Yellow Kid*, considerado, por muitos, o primeiro personagem de quadrinhos. Desenhado por Richard Fenton Outcault, tratava-se de um menino vestido com um camisolão amarelo, como mostra a Figura 7, no qual vinham escritas frases cômicas ou panfletárias. O “menino amarelo”, conforme a tradução do nome do personagem para o português, satirizava a sua época, junto com seus amigos do *Hogan's Alley*, uma típica *slum* (favela) nova-iorquina. Mais tarde, as páginas de outro jornal, o *New York Journal*, passariam a trazer suas aventuras (MOYA, 1977).



A partir daí, veio uma profusão de personagens e estilos. Das páginas dos jornais, as Histórias em Quadrinhos passaram a compor edições dedicadas somente a elas, com histórias mais longas e completas, os chamados *comic books*. O boom deste tipo de revista aconteceria em 1938, ano em que circula o primeiro exemplar da *Action Comics Magazine*, cuja capa se vê na Figura 8, trazendo uma história com um dos personagens cujo nome se transformaria em um símbolo: o Super-Homem, criado pelo escritor Jerry Siegel e pelo desenhista Joe Shuster. Esse personagem teria tanta repercussão que, durante a Segunda Guerra Mundial, figuraria em histórias onde combateria os exércitos do *führer*, alimentando a propaganda aliada (JARCEM, 2007).

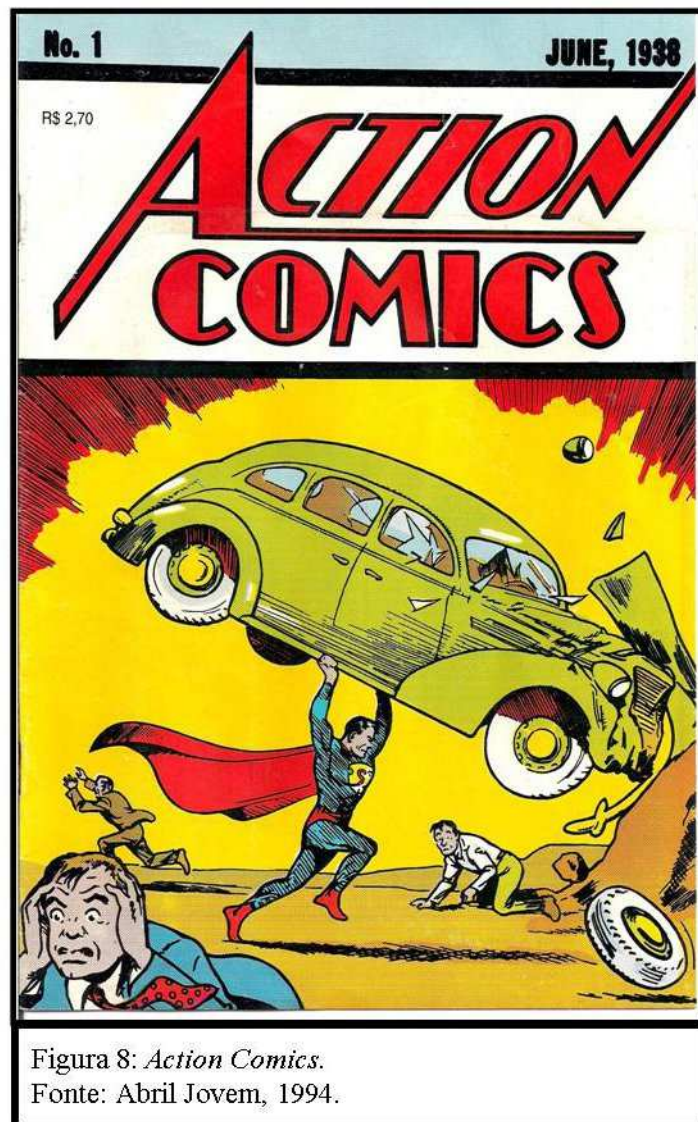


Figura 8: *Action Comics*.
Fonte: Abril Jovem, 1994.

Os quadrinhos ainda conheceriam o seu estado de sítio durante os anos 1950, nos Estados Unidos, concomitante à chamada “caça às bruxas” do senador Joseph McCarthy. Com a publicação do livro *The Seduction of the Innocents* (A Sedução dos Inocentes), do Dr. Frederic Wertham, começa a perseguição mundial aos *comics* (como são conhecidos os quadrinhos nos EUA), acusados de deixarem as crianças preguiçosas para a leitura, além de difundirem mensagens ambíguas, como uma suposta relação homossexual entre Batman e Robin, o que para o mencionado doutor se trataria de um perigoso desvio de caráter. Os quadrinhos ainda se ressentiriam anos mais tarde dessa campanha de difamação, perdendo boa parte de seu prestígio como linguagem. Porém, as HQs reencontrariam seu respeito através de famosos cineastas europeus como o francês Alain Resnais e o italiano

Federico Fellini que revelariam sua paixão por essa linguagem, elevando-a novamente a um patamar ao lado da literatura e do cinema, incentivando publicações, exposições e pesquisas sobre o tema (MOYA,1977).

No Brasil, as primeiras revistas de quadrinhos começaram a ser editadas no início do século XX e talvez a mais famosa tenha sido o *Tico Tico*, lançada em 11 de outubro de 1905. Na Figura 9 temos uma capa dessa publicação. Publicava as histórias do personagem *Buster Brown* (Aqui, chamado de *Chiquinho*), de Outcault, o mesmo criador do *Yellow Kid*, além de autores nacionais como Cícero Valladares, Heitor, Luís Gonzaga, Leopoldo, entre outros (OLIVEIRA e MOYA, 1977).

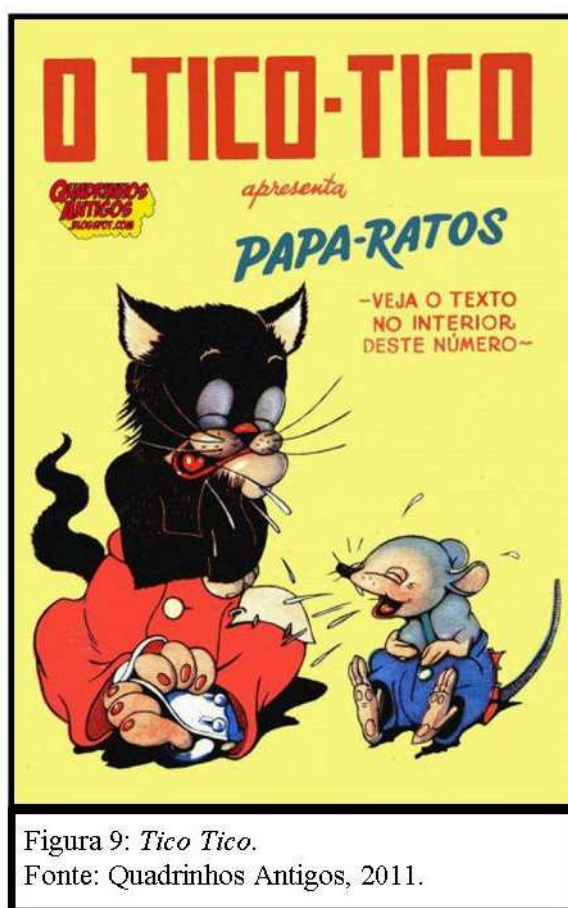


Figura 9: *Tico Tico*.
Fonte: Quadrinhos Antigos, 2011.

Porém, o grande acontecimento das histórias em quadrinhos no Brasil se daria com o lançamento do *Suplemento Juvenil*, em 14 de setembro de 1934, por Adolfo Aizen. Era um apêndice semanal do jornal *A Nação*. Mais tarde, seria lançada uma revista de quadrinhos independente, isto é, não como acompanhamento de um jornal, publicada às quartas, sextas e domingos.

Chamava-se *Mirim* e foi copiada pela editora de Roberto Marinho, que publicou *Gibi* e posteriormente, *Gibi Mensal*, com histórias completas, no padrão *comic books*. Esse título terminou por se tornar sinônimo de quadrinhos no Brasil (OLIVEIRA e MOYA, 1977).

Ao estudar a literatura histórica sobre os quadrinhos, chama a atenção a participação de autores estrangeiros nos inícios da sua produção em nosso país. Talvez isso possa demonstrar uma valorização que essa linguagem teve em seus primeiros anos no Brasil, atraindo inclusive artistas estrangeiros. Em 1947, o haitiano radicado aqui André Le Blanc, escreveu e desenhou a personagem *Morena Flor*, que seria distribuída na Argentina, Chile e Estados Unidos. Este autor também fazia versões em quadrinhos de diversas obras da literatura brasileira. Neste mesmo ano, Jayme Cortez Martins, recém-chegado de Portugal, fazia a versão quadrinística do romance o *Guarani*, de José de Alencar, publicada no vespertino *Diário da Noite*. Entre outros, ainda tivemos a participação do italiano Eugênio Colonese e do argentino Rodolpho Zalla, que ilustraram histórias de terror entre os anos 1950 e 1960 para editoras brasileiras (OLIVEIRA e MOYA, 1977).

Que brasileiro hoje não conhece a história da menina de dentes grandes, que veste vermelho e impunha seu coelhinho de pelúcia contra os meninos que insistem em “pegar no seu pé”? Devido a sua presença no imaginário das pessoas, pode-se dizer que o mais bem sucedido produtor de histórias em quadrinhos do Brasil é Mauricio de Sousa, com a sua *Turma da Mônica*, iniciada em 1959 e, até hoje, publicada em vários jornais do país, em forma de tiras. Além disso, a “turma” aparece em revistas mensais, desenhos animados, propagandas de produtos diversos e campanhas publicitárias (OLIVEIRA e MOYA, 1977). Atualmente, se encontra facilmente nas bancas das cidades a revista *Turma da Mônica Jovem*, uma versão dos célebres personagens para um público adolescente, o que revela a grande capacidade do autor e homem de negócios supracitado em reinventar o seu trabalho.

Sem desconsiderar todo um contexto dos anos 1980 e meados dos 1990, fértil para o quadrinho nacional, passarei para o momento atual, onde temos, no Brasil, um grande movimento de produtores de HQs independentes, composto por autores que são, ao mesmo tempo, os distribuidores de suas

próprias produções, usando, principalmente, o recurso da internet, como por exemplo, o coletivo *Quarto Mundo*⁶ e a editora *Nona Arte*⁷.

No atual momento, é possível observar entre os alunos uma espécie de “febre” dos quadrinhos japoneses, conhecidos como “*mangá*”, sendo o personagem *Naruto* o mais popular, aparentemente. Pode-se vê-lo na Figura 10. Em anos anteriores, tivemos o auge do *Dragon Ball* e do *Digimon*; em anos mais anteriores ainda, no início da década de 1990 (em minha época de Ensino Médio), era comum circular, dentre uma parcela dos estudantes, exemplares de *Chiclete com Banana*, *Piratas do Tietê* e *Los Três Amigos*. Eram títulos nacionais com temáticas mais adultas: falavam sobre drogas, sexo, música, problemas sociais e políticos.



Figura 10: Naruto.
Fonte: © Jovem Escritor, 2012.

⁶ Disponível em: <http://4mundo.com/>. Acesso em: 7 janeiro 2011

⁷ Disponível em: <http://www.nonaarte.com.br/>. Acesso em: 7 janeiro 2011

Pode causar certo estranhamento o fato de muitos dos estudos acadêmicos sobre este assunto possuírem um capítulo assim, narrando mais ou menos os mesmos acontecimentos: a pintura rupestre, as gravuras medievais, o *yellow kid*, o Tico-Tico, os famosos diretores de cinema fãs de quadrinhos, etc. Como se tivéssemos que, ao escrever sobre as HQs, justificá-las como uma linguagem válida, possuidora de uma história e relacionada com outros fatos, talvez, mais prestigiados cientificamente. Porém, acredito que seja esse o momento em que vivemos: o de afirmação de trabalhos deste tipo na academia.

2.2 A LEITURA DOS QUADRINHOS: CONHECENDO SEUS CÓDIGOS

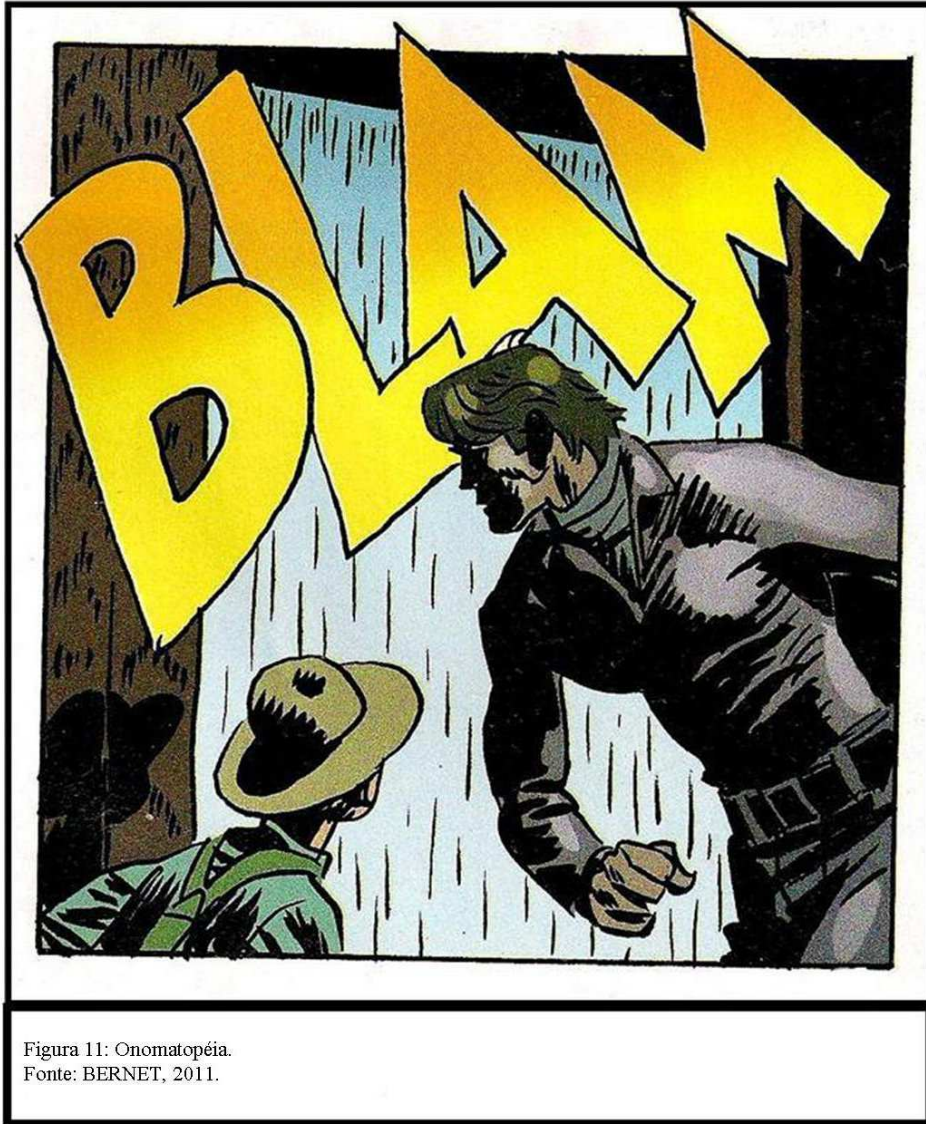
Que habilidades são acionadas no ato da leitura? Só podemos ler palavras? Para Eisner (1995, p.8), o leitor de quadrinhos precisa manejar habilidades interpretativas visuais e verbais: “As regências da arte (por exemplo, perspectiva, simetria, pincelada) e as regências da literatura (por exemplo, gramática, enredo, sintaxe) superpõem-se mutuamente. A leitura da revista de quadrinhos é um ato de percepção estética e de esforço intelectual”.

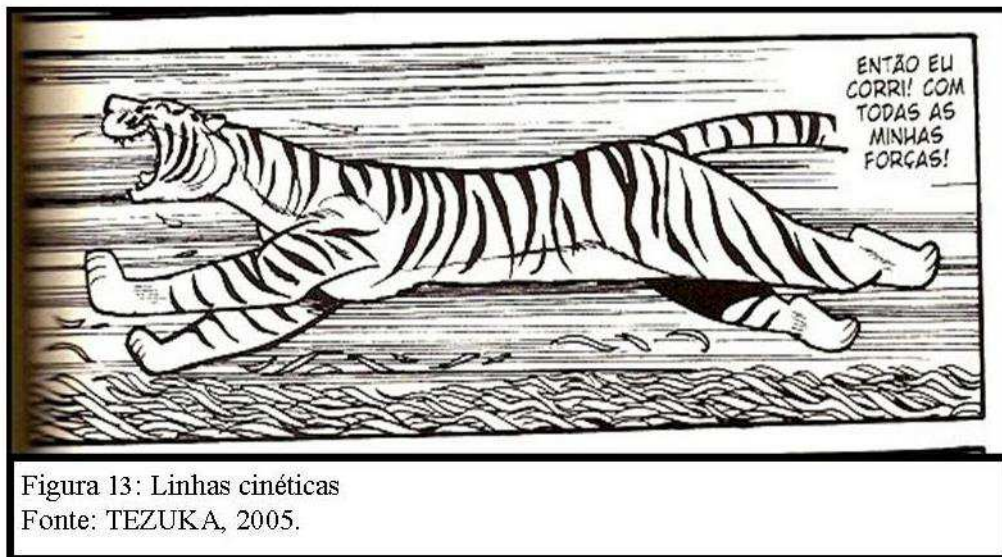
Por tratar-se de uma linguagem, composta de um conjunto de imagens que se repetem e símbolos reconhecíveis, os quadrinhos possuem uma gramática que deve ser conhecida para melhor se exercer sua leitura. Grosso modo, é uma gramática constituída de imagens e palavras. Ainda que estas tenham historicamente uma mesma origem, atualmente, a comunicação separa esses dois elementos e o emprego devidamente aplicado dos mesmos constitui a capacidade expressiva desse veículo (EISNER, 1995). Ou seja, é na interação das palavras e das imagens que os quadrinhos comunicam.

No seu trabalho, “A Leitura dos Quadrinhos”, Ramos (2009) considerando os quadrinhos uma linguagem autônoma, faz uma diferenciação entre os seus gêneros, propondo algumas denominações, como charges, cartuns e tiras cômicas. Os quadrinhos seriam, então, para o autor, um hipergênero que agrega diferentes outros gêneros. Poderíamos fazer uma analogia com a linguagem musical, que pode ser classificada em gêneros bem distintos, do clássico ao sertanejo, por exemplo.

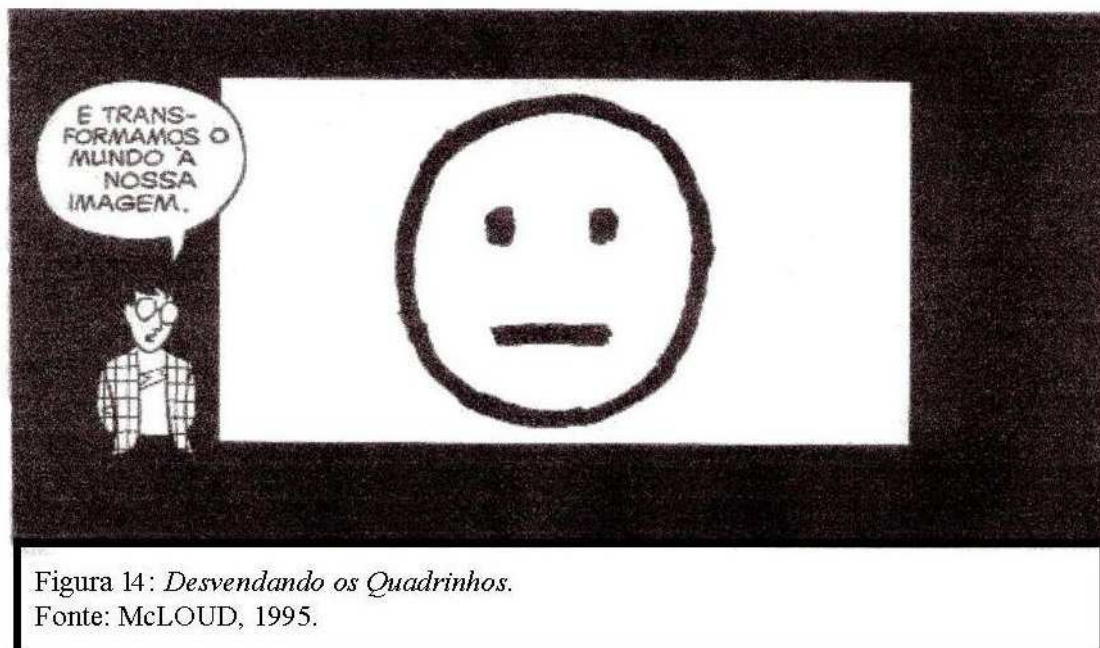
É possível extrair, do trabalho de Ramos, complementos para a ideia de Eisner quanto à gramática dos quadrinhos e, de maneira resumida, trago aqui alguns elementos básicos dela: começando pelo “quadrinho” ou “vinheta”, que constitui a representação, por meio de uma imagem fixa, de um instante que faz parte de um determinado acontecimento; em outras palavras, um conjunto de instantes. Nesse elemento, formado normalmente por um retângulo ou quadrado que envolve o conteúdo a ser lido no seu interior, se verá um cenário e personagens. Existem também os “balões”, talvez o recurso mais conhecido dos quadrinhos, os representantes da fala dos personagens, bem como seu pensamento. Assim como as letras, os balões assumem diferentes formas para expressar distintos significados, como euforia, tristeza, medo, raiva, etc. A onomatopeia e as cores são, igualmente, aspectos importantes da linguagem. A primeira vai permitir que os leitores “ouçam” os ruídos das histórias impressas: são os conhecidos CRASH!, BLAM!, CLICK!, POOM!, exemplificados na Figura 11. A segunda pode ser usada de muitas maneiras, dependendo da criatividade do autor. Por exemplo: as cores atribuídas a um personagem específico podem ajudar o leitor a acompanhar uma trama. O personagem representa outro elemento de destaque na linguagem, responsável pela condução da narrativa. Com seus gestos, movimentos e expressões irá transmitir a ação, através do uso de mecanismos expressivos, tais como as “metáforas visuais”, imagens associadas com uma ideia diferente de seu significado original. Por exemplo, para representar que um personagem teve uma ideia, normalmente se desenha uma lâmpada em cima da sua cabeça. Também podem ser usadas estrelas indicando que este sofreu algum tipo de pancada, como no exemplo da Figura 12, entre outras coisas. Ainda temos outros símbolos para auxiliar o personagem na representação da ação, como as linhas cinéticas, linhas desenhadas que indicam uma trajetória ou um movimento, como ilustra a Figura 13.

Além dessa gramática característica, a leitura dos quadrinhos incorpora elementos de ordem ainda mais subjetiva, pois para que todas essas formas visíveis atinjam o resultado comunicativo esperado é preciso um tipo específico de interação com o leitor.





Segundo Mcloud (1995, p.42): “Todo criador (de quadrinhos) sabe que um indicador infalível de envolvimento do público é o grau em que este se identifica com os personagens da história”. O autor se refere ao fato de atribuirmos vida às formas geométricas desenhadas, vendo-as como pessoas, como é o caso da Figura 14. Também, para Mcloud, é curioso como percebemos movimentos em desenhos fragmentados em quadros (trata-se da “Sarjeta”, veremos isso mais adiante).



Assim, a “magia” dos quadrinhos está ligada a uma capacidade humana de identificar-se com elementos do mundo exterior com o qual nos relacionamos através de nossos sentidos. Emprestando-lhes vida, damos significados a coisas que, grosso modo, no caso das HQs, não passam de tinta sobre papel. Veja como o autor explica isso na Figura 15.

Adiantando um pouco do próximo capítulo, diria que essa discussão se aproxima à de “visão geográfica”, onde o espaço geográfico é constituído também da imaginação que temos sobre o mesmo. Sendo assim, aí está outro possível ponto de conexão entre Quadrinhos e Geografia.

2.3 A LINGUAGEM DOS QUADRINHOS E O ENSINO: UMA POSSÍVEL CONEXÃO

Encaradas por muito tempo como uma espécie de subcultura ou uma expressão artística de valor menor frente a outras, tais como a literatura ou o cinema, não se apostava no potencial pedagógico de produção de saber das HQs. Porém, atualmente, observa-se que essa linguagem vem ganhando cada vez mais reconhecimento na academia e em propostas escolares (VERGUEIRO, 2009), que vão aos poucos perdendo a fama de entretenimento descompromissado e destinado unicamente para momentos de lazer, passando a ser consideradas como uma linguagem complexa. Formada por signos e códigos próprios, os quais funcionam como mecanismos usados na representação dos elementos narrativos (RAMOS, 2009), implicando num tipo de leitura peculiar que deverá conjugar o texto escrito com a imagem para se chegar a uma compreensão.

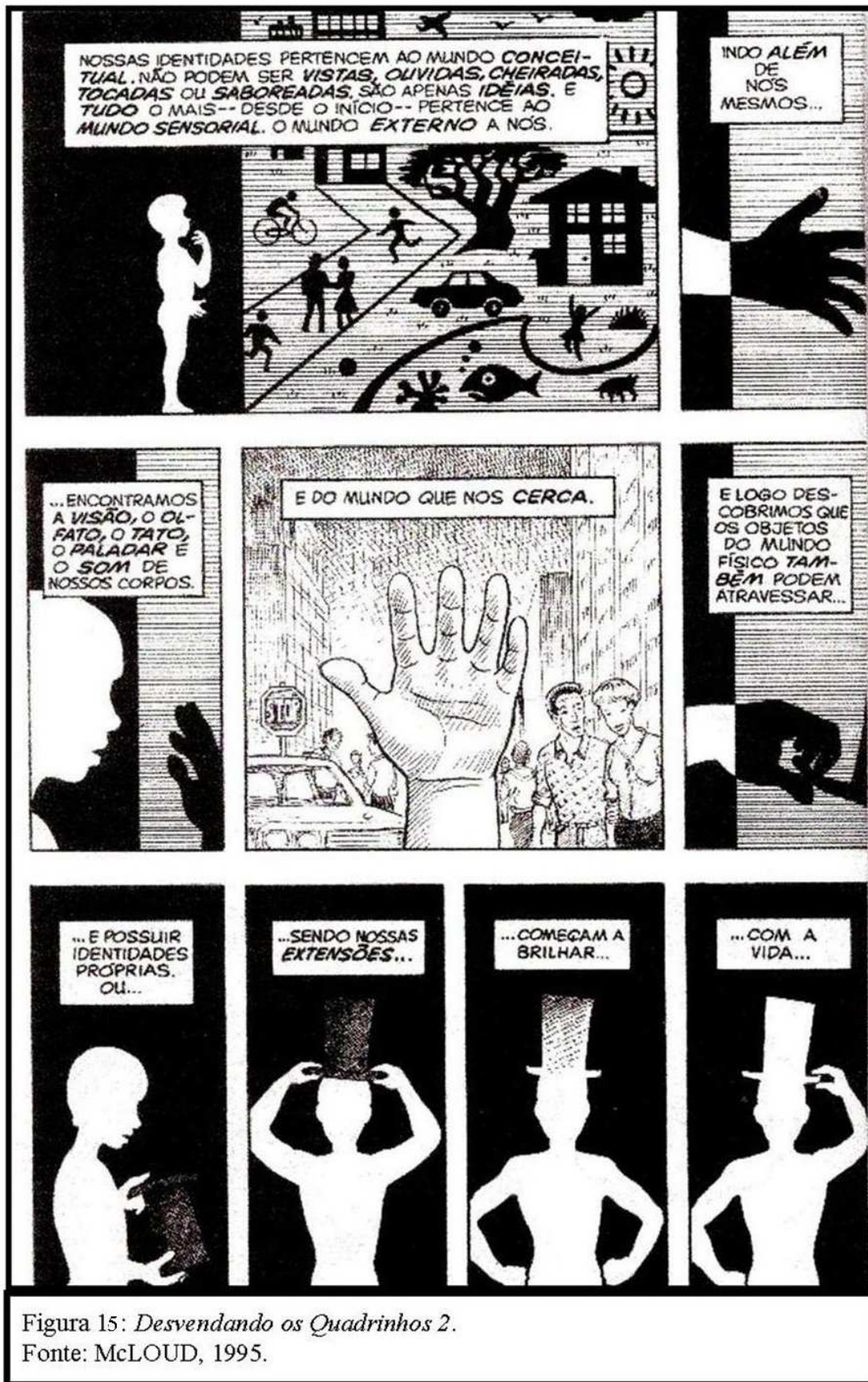


Figura 15: *Desvendando os Quadrinhos 2*.
 Fonte: McLOUD, 1995.

Pode ser incrível o potencial pedagógico envolvido na realização de uma História em Quadrinhos (EISNER, 1995), pois ela consegue articular conhecimentos ligados a diferentes disciplinas, tais como: Artes, Linguagem, História, Física, Psicologia, Literatura e Geografia, sendo que se dará mais ênfase a esta última no presente trabalho. Para confirmar essa afirmação, já se encontram com facilidade em publicações diversas - livros, artigos, dissertações acadêmicas, revistas de pedagogia e internet - propostas para a utilização desse meio de comunicação em sala de aula. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) também nos trazem indicações para usar esse recurso no ensino (VERGUEIRO e RAMOS, 2009).

Temos alguns exemplos desse uso, como as propostas de trabalho de Rama (2005), no livro *Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula*, no qual temas geográficos como cartografia, escala, paisagem, economia, espaço rural/urbano e geopolítica são apresentados e ensinados através da análise de HQs em sala de aula. A autora alerta sobre a necessidade de desenvolver certas habilidades como, por exemplo, visão vertical e oblíqua e leitura de símbolos, habilidades estas que, segundo Vergueiro (2005) são as mesmas usadas na “alfabetização dos quadrinhos”. Também essas mesmas habilidades são chamadas por Castrogiovanni (2003) de “alfabetização espacial” e são importantes na construção das noções de localização, organização, representação e compreensão das estruturas espaciais. Além de serem utilizadas e requisitadas a todo o momento no dia a dia dos estudantes. Portanto, não só por esse fato, mas por toda as possibilidades que são abertas, é pertinente trazer essa linguagem para o mundo escolar e inseri-la nas aulas de Geografia,

O uso de quadrinhos e charges para discutir temas geográficos foi foco de outros estudos. Um deles discute a possibilidade de essa linguagem ser considerada uma rede de significações, um hipertexto que abre através dele conexões com diversos outros campos do conhecimento, os quais são articulados para a compreensão de uma ideia (SILVA, E., 2010). Em outro trabalho, Gomes e Góis (2008) procuraram desenvolver uma metodologia de análise para capturar o que chamam de “geograficidade” nas Histórias em Quadrinhos, diferenciando a sua leitura da de outras imagens analisadas por geógrafos, como fotos, pinturas ou desenhos, representações fixas de

paisagens. HQs, portanto, exigem ferramentas conceituais que deem conta de uma linguagem formada por imagens em sequência que, com a imaginação do leitor, produzem uma sensação de movimento, dando vida a uma narração. Sendo assim, propõem o conceito de “cenário”, que une as ideias de lugar e ação, espaço e acontecimentos se relacionando e produzindo diferentes significações.

Outras disciplinas são igualmente possíveis de serem estudadas através das HQs, entre elas a de Artes, como afirma Barbosa (2005), associando os conceitos de artes plásticas com os elementos de uma página de História em Quadrinhos, tais como perspectiva, anatomia, luz, sombra e composição, permitindo o estudo teórico e a aplicação prática desses conhecimentos, através da elaboração dos próprios alunos, que criarão, escreverão e desenharão seus quadrinhos.

As HQs ainda são discutidas como um instrumento auxiliar de uma prática formadora de leitores para toda a vida. Como um gênero textual a mais, ao lado da poesia, da crônica ou do conto, pode contribuir para a construção de uma leitura de mundo (SILVA, M., 2011). Para isso, é necessário que os Quadrinhos deixem de ser encarados como apenas um instrumento didático ou um meio de distração, com o qual se engana o aluno para transmitir-lhe conteúdos escolares, sem a reflexão sobre estes. Igualmente, é preciso evitar tratar essa linguagem como uma preparação que antecede os livros, estes, então, mais “sérios”. Tampouco é a “salvação da lavoura”, mas, sim, apenas outra textualização do mundo, como as demais existentes.

É comum encontrar-se HQs em livros didáticos de Geografia, no início de algum capítulo, servindo de introdução ao conteúdo “de verdade” nas páginas seguintes, a ser apresentado em forma de texto escrito, apoiado por gráficos e fotos, como se fossem muletas. No exemplo da Figura 16, vemos a HQ de Angeli, que aparece na primeira página e, no restante do módulo do livro de onde foi extraída, é completamente esquecida, tendo uma função meramente introdutória. Porém, é possível ver que, embora seu uso tenha sido muito pontual, isso já evidencia a preocupação dos autores em trazer esta linguagem para um local considerado e legitimado na escola como o maior suporte de conteúdos geográficos.

O mundo subdesenvolvido



Angelo. In: Gilberto Dimenstein. *O cidadão de papel: a infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.



PARA COMEÇAR

Leia a história em quadrinhos acima.

- 1 Em que lugar estão vivendo os personagens dessa história em quadrinhos?
- 2 Essa história em quadrinhos apresenta a situação em que vivem milhões de pessoas no mundo todo. Descreva essa situação.
- 3 Na sua opinião, quais são os motivos que levam as pessoas a terem de viver dessa maneira?

Figura 16: O mundo subdesenvolvido.
Fonte: Valquíria e Beluce, 2009.

3

IMAGENS E GEOGRAFIA



3 IMAGENS E GEOGRAFIA

Relacionar imagens e textos, figuras e signos verbais, referências visuais e linguísticas. Atentar aos significados remetidos e perceber os sentidos produzidos. Rir, emocionar-se, entristecer-se, refletir ou identificar-se. São muitas as ações envolvidas na leitura das HQs, assim como também o são as maneiras como ela pode subjetivar as pessoas com sua conjugação de formas expressivas. A luz e a sombra, o uso das cores, as perspectivas do cenário, os distintos planos, o formato e o tamanho das letras (além das palavras formadas por estas e que dizem algo em algum idioma), o traçado empregado pelo artista na realização dos desenhos. Tratam-se, todos, de elementos que servem de meio para a transmissão das diversas mensagens e ideias a serem veiculadas. Nesse momento a pergunta é: apenas na linguagem dos quadrinhos nos deparamos com essa forma híbrida de expressão?

3.1 A VISÃO ALÉM DO ALCANCE⁸

Cosgrove (2008) fala de uma “inscrição geográfica”, ou seja, uma grafia sobre a superfície do planeta, mas que também, habitando as mentes, ganha, por vezes, forma em outros suportes físicos, tais como desenhos em uma folha de papel. No trabalho desse autor é dada grande importância para a discussão do que ele chama de “visões geográficas”, termo usado para se referir à imaginação humana a respeito do espaço geográfico, fazendo com que encontremos uma forte articulação entre paisagem, mapa, pictórico, imagem e visão.

Essa visão, para o autor, traz consigo outro sentido, diferente do normalmente usado e não abrange elementos óticos, mas subjetivos, que interpelam o mundo, formulando-o, reformulando-o ou pré-formulando-o. Dito

⁸ Subtítulo inspirado em parte do bordão do personagem *Lion*, do desenho animado *Thundercats*. A expressão completa seria: “Espada Justiceira! Dê-me a visão além do alcance!”

de outra forma, diz respeito às concepções e ao que podemos chamar de “visão de mundo”.

O olho já não parece mais assim tão inocente (COSGROVE, 1999) e os mapas, talvez os instrumentos mais relacionáveis com a Geografia, passaram a trazer mais do que informações cognoscíveis, quantificáveis ou memorizáveis, pois se começa a perceber que outros aspectos da mente humana, mais imaginativos e subjetivos, entram em jogo na sua leitura e há tempos se atribui aos mapas a produção de significados e sentidos, através das imagens e iconografias apresentadas por eles.

A visão geográfica, ainda que habite os imaginários, também se converte, com o intuito de expressar-se, em formas físicas visíveis. Pode ser encontrada impressa nos mapas, desenhos, figuras, croquis, fotografias ou, inclusive, descrições escritas. Porém não se limitará a esses veículos e, como que buscando impor-se, se inscreverá no próprio espaço, por exemplo, nas simetricamente dispostas plantações de eucaliptos que recobrem parte do território do estado do Rio Grande do Sul, no traçado das ruas dos grandes centros urbanos e seus viadutos e avenidas, no design homogêneo dos condomínios, no isolamento dos bairros mais pobres, etc. Não existindo, necessariamente, uma ordem de início ou fim para esse percurso realizado pela inscrição geográfica, podendo ser da mente ao mundo ou vice-versa. Apresentando essa inscrição, então, duas dimensões: uma imaginativa e outra material. Nesse estudo daremos uma maior atenção à primeira.

Entre as décadas de 60 e 70, começou em Porto Alegre, em conformidade com uma política nacional da época, a remoção de comunidades pobres das áreas centrais da cidade (GAMALHO, 2009). A imaginação dos administradores municipais considerava que, na “capital do futuro”, não caberiam mais os becos poeirentos e os casebres de madeira; estes deveriam ser substituídos por largas e compridas avenidas asfaltadas, viadutos, prédios e automóveis como mostra a Figura 17. As formas modernas da cidade ganharam expressão gráfica e, então, se concretizaram espacialmente, dando materialidade a um tipo de visão geográfica, que se sobrepõe às demais.

Segundo Cosgrove (2008) Platão faria referência a uma ordem oculta do mundo, a qual seria revelada pela Geometria, que significa, literalmente, a “medida da Terra”. Assim, podiam-se observar, através dos cálculos das

sombras em diferentes horários e locais da superfície terrestre, os movimentos dos corpos celestes, mapeando uma ordem celestial sobre o espaço da Terra. Ordem visualizada, mais tarde, na retilínea paisagem humana de campos cultivados e fazendas. As obras de Ptolomeu - *Almagesto e Geografia* - serviriam de base para, milhares de anos depois, pensadores do Renascimento estabelecerem como sendo três as escalas do universo: a Cosmografia, que trataria das descrições e medições do universo (ainda influenciada pelo geocentrismo); a Geografia, preocupada com os fenômenos climáticos, as terras e mares do nosso planeta e a Corografia, que envolveria o estudo das regiões locais e paisagens.



Figura 17: Porto Alegre do futuro.

Fonte: Jornal Zero Hora, 1970.

Acredito não caber aqui um aprofundamento dessas escalas do universo, as trago apenas para chamar a atenção ao sufixo “grafia” acompanhando cada uma delas (COSGROVE, 2008). Ou seja, discursos construídos através do uso de imagens, da leitura e obtenção destas, em detrimento das palavras. Podemos identificar, então, um chamado “imperativo gráfico” inerente às visões de mundo, manifestadas principalmente de maneira visual, implicando formas, as quais, captadas por nossos olhos, procuram nos dizer alguma coisa.

Portanto, esse imperativo conduz a manifestações visíveis, gráficas. Por exemplo, historicamente, uma visão de um universo criado de maneira ordenada e harmoniosa por um Deus-Pai Todo Poderoso, procurou ser expresso em linguagens como mapas, diagramas, globos, gravuras e pinturas. Assim, encontramos círculos e formas geométricas simples, simetricamente organizadas nas imagens produzidas por Hartmann Schedel, publicadas em *Crônicas de Nuremberg* de 1493, e na obra do artista português Francisco de Holanda, de meados do século XVI, evidenciadas nas Figuras 18 e 19. Também, graficamente, o professor de matemática do Colégio Jesuíta na Roma do século XVII, Athanasius Kircher, construiu um mapa simbólico do mundo visto pelos jesuítas, onde no interior de vários círculos concêntricos, temos o ícone de Jesus Cristo, IHS (Iesus Hominibus Salvatorem), emanando sua luz divina para cada província jesuítica por igual, numa retórica gráfica, sintonizada com uma visão particular desse universo como ilustra a Figura 20.



Figura 18: *Crônica de Nuremberg*.
Fonte: Luminarium: Encyclopedia Project, 2010.



Figura 19: Francisco de Holanda.
Fonte: Bibliodissey, 2008.

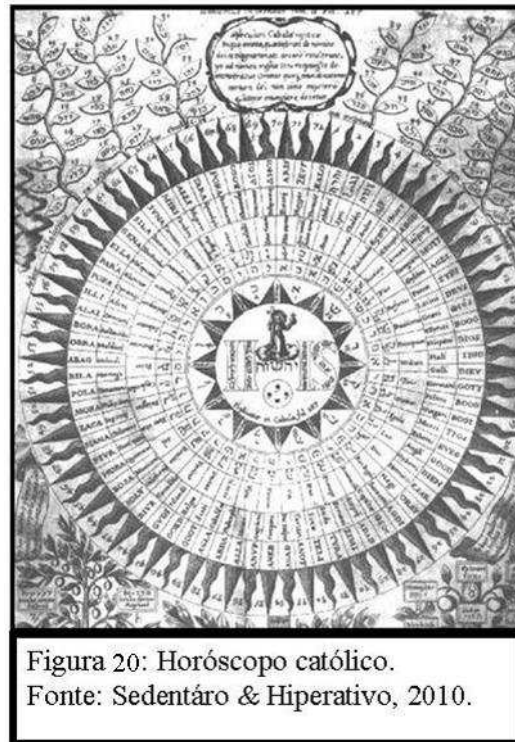


Figura 20: Horóscopo católico.
Fonte: Sedentáro & Hiperativo, 2010.

O anseio ordenador da harmonia universal também estaria presente no trabalho de Bacon (COSGROVE, 2008), quando manifestou, na obra *Novo Organum*, sua particular leitura do mapa-múndi, argumentando não ser fruto de um acaso a conformação dos continentes apresentada nele, amplos e abertos para o norte do globo e pontiagudos em direção ao sul (se referia aos continentes americano e africano). Esse fato, acreditava, era parte de mais um desígnio do senhor, o criador de tudo.

Além de buscar o papel de testemunha ocular, apresentando uma interpretação de uma realidade, carregada de concepções, anseios, esperanças e crenças, a visão simétrica e ordenada do mundo também se impõe sobre o mesmo. De que outra maneira se poderia interpretar uma linha reta traçada sobre o mapa-múndi, como fez o Papa Alexandre VI em virtude do Tratado de Tordesilhas, separando as possessões coloniais entre os impérios português e espanhol? O que fez o Papa? À régua, riscou uma reta sobre um mapa, o qual nada mais era do que um pedaço de tecido pintado, porém, acreditou-se que essa mesma linha se materializaria igualmente retilínea sobre as terras e oceanos, como se fosse possível dividi-los fisicamente. Dessa forma, repartindo o mundo entre os que imaginavam possuir o direito primeiro sobre ele, vemos o resultado na Figura 21.

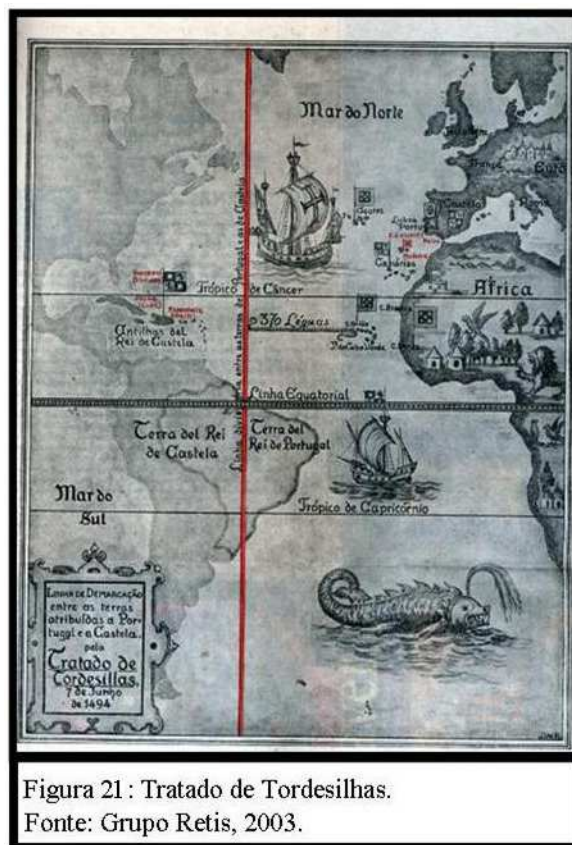
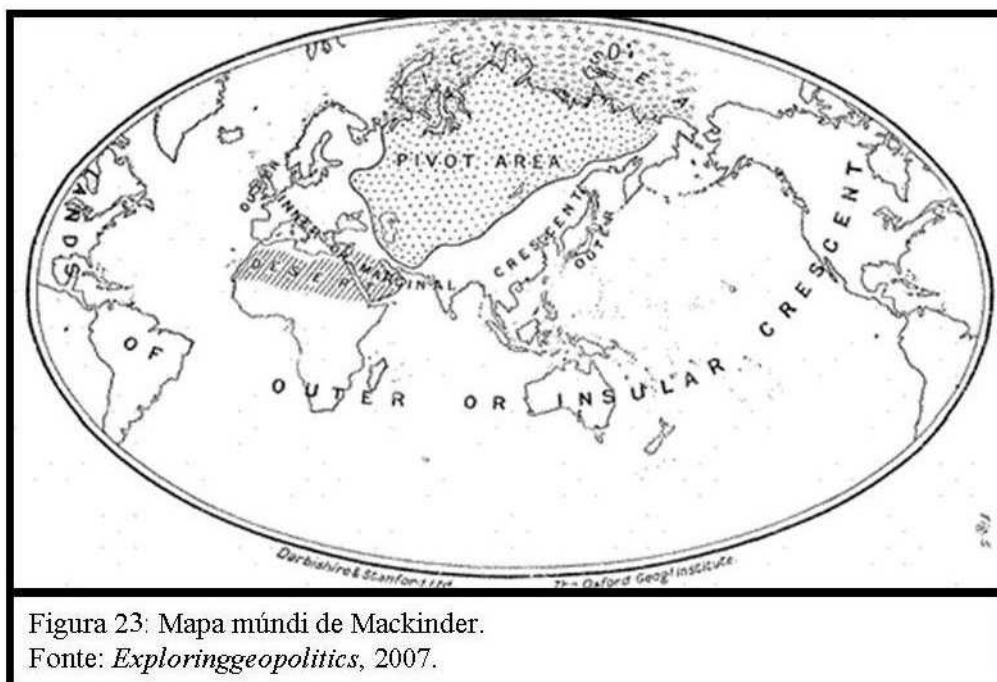
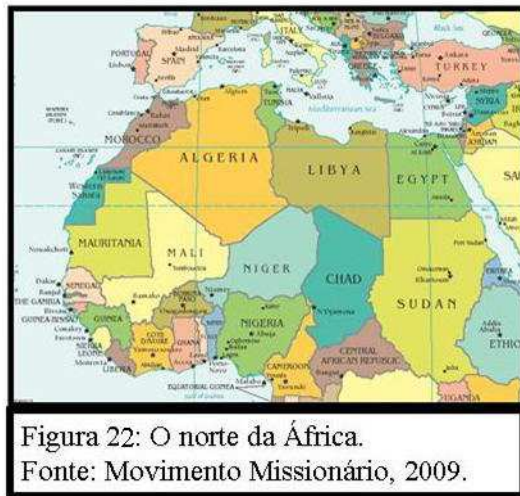


Figura 21: Tratado de Tordesilhas.
 Fonte: Grupo Retis, 2003.

Na Figura 22 vemos os contornos retilíneos dos limites entre os estados africanos do norte, aparentando terem sido riscados com o auxílio de régua, lembrando muito a visão geográfica presente no Tratado de Tordesilhas. Que tipo de imaginação motivaria, principalmente, ingleses e franceses a dividir de forma tão arbitrária um vasto pedaço de continente, traçando retas sobre o papel e separando povos, costumes e culturas, afetando, talvez, outras visões, outras imaginações?

Continuando a comentar as visões geográficas impressas em mapas, Cosgrove (2008) nos traz as discussões estratégicas, entre pensadores imperialistas dos Estados Unidos e Inglaterra, que envolveram o Oceano Pacífico no final do século XIX. Um desses, Halford J. Mackinder, britânico, defendendo a importância estratégica de uma massa de terras como a Eurásia, impenetrável a qualquer ataque naval, formulou, para dar seu argumento gráfico, um mapa onde se vê na posição central o dito continente, chamado aqui de “área pivô”, deixando as Américas espremidas nas margens e, junto com elas, o Oceano Pacífico, como se vê na Figura 23. Diminuindo, portanto, o tamanho daquela área do globo que passava a ser foco crescente de atenção

das nascentes pretensões imperialistas dos Estados Unidos, um provável concorrente para o império britânico.



Para reforçar a ideia da dificuldade em proclamar uma ordem para o mundo e impô-la, poderia dar o exemplo dos cálculos geodésicos, pois, mesmo estes, ainda que rigorosos, admitem a irregularidade da superfície terrestre. Sabendo que o planeta Terra não apresenta a forma de uma esfera perfeita, os estudiosos preferem usar o termo *geoide*. Seja por modelos matemáticos ou por representações gráficas de todo tipo, a visão de um mundo ordenado se manifesta, buscando fazer visível essa suposta ordem.

Perceber as visões geográficas inscritas ou grafadas, manifestas e/ou impostas ao mundo, seja da forma que for, sobre o suporte que for, é um passo importante na construção de um entendimento crítico próprio sobre o espaço e de como se insere a nossa participação nele.

3.2 O MUNDO DAS IMAGENS E AS IMAGENS DO MUNDO

Discutimos até aqui, neste capítulo, como as visões geográficas se apresentam e se fazem visíveis pelas imagens. Porém, como ou por que essas imagens nos afetam? Por que lhes damos tanta importância? Procuo trazer outro aspecto dessa discussão envolvendo o olhar, a construção de conhecimento e a produção de significados.

Insistindo ainda na Geografia como uma grafia, creio que o nosso estudo sobre o mundo também se dá pelas imagens grafadas (OLIVEIRA JR, 2009). Grafadas pelas cores, no caso das pinturas; pelos traços, no caso do desenho, ou pela luz, no caso das fotografias. Embora não seja possível afirmar qual linguagem nos aproxima mais da realidade, se as imagens ou se os textos escritos, muito do que acreditamos saber sobre esse “real” nos chegou pelas suas imagens, através de nossos olhos.

Na medida em que, desde a chamada “virada cultural” (HALL, 1997), avançam os campos de estudos focados nas práticas culturais, a importância dada à linguagem na construção de subjetividades nas sociedades contemporâneas vem crescendo. A linguagem passa a ser considerada como constituinte dos próprios objetos que denomina, os quais começam a existir para nós através dos nomes com os quais os chamamos. É certo que as coisas podem existir fora dos sistemas de classificação criados pelas sociedades, ou, para dizer de outra forma, pelas culturas. Entretanto, é só dentro de um desses sistemas que elas passarão a fazer sentido.

Muitos estudos anteriores ao meu ampliaram as linguagens nas quais se considera que o conhecimento geográfico é produzido. Assim, o espaço geográfico pode ser estudado através dos desenhos, das fotografias, das pinturas, do cinema ou da televisão (OLIVEIRA JR, 2009). Por que não acrescentar nessa lista as HQs? Se a linguagem nos “fala coisas”, mais do que “fala sobre coisas”, as imagens dos quadrinhos já não podem ser vistas como

os inocentes receptáculos que transportam a realidade para diante de nossos olhos. Elas próprias são uma realidade.

Educar os olhos deve também ser parte do ensinar Geografia e, para isso, não basta apenas um treinamento para distinguir os mínimos elementos espaciais. É preciso construir um pensamento sobre o que é ver (OLIVEIRA JR, 2009), pois é principalmente a partir do que vemos que conhecemos a realidade. Então, que realidade nos mostra as imagens?

Trago como exemplo, para uma possível resposta, a apresentação fotográfica de um colega⁹. Em uma das fotos do slide, exemplificada na Figura 24, era possível ver uma imagem na qual o verde das copas de árvores preponderava, ocupando mais da metade da composição. Depois, alguns postes de iluminação pública e placas publicitárias apareciam modestamente na sua parte inferior, uns mais altos e outros menos, como que se erguendo de um esconderijo para fazerem-se ver em meio ao verde dominante. A foto não deixava dúvidas a respeito de si. Ao vê-la, imaginei alguma localidade da serra, talvez. Porém, foi inevitável um sentimento de estranheza ao saber que ela foi tirada no centro da minha cidade, Porto Alegre. Pois, como Oliveira Jr (2009) coloca, a dúvida não está direcionada à imagem, mas à informação sobre ela. Quem diria que em meu banco de dados imaginário o verde não estava reservado para a capital gaúcha?

Assim, temos as imagens como formadoras dos próprios lugares, considerando que nossa imaginação sobre eles é parte constituinte dos mesmos. Dar-se conta dessa dimensão e pensar como os lugares são mostrados no cinema, na fotografia, nos mapas, nas pinturas ou nas HQs é, também, pensar em Geografia. Da mesma maneira, é importante analisar esses suportes, não como portadores da própria realidade, que está além deles e por meio dos mesmos a vemos, mas sim, como construções humanas ou culturais que, afinal de contas, são. Mesmo a linguagem cartográfica, tributária de toda a credibilidade acadêmica e escolar, nada mais faz que “apresentar” outra versão do espaço (OLIVEIRA JR, 2010), diferentemente de “representar”

⁹ Durante o 4º Seminário do Programa de Pós-Graduação em Geografia/POSGEA-UFRGS: “Outra(s) Geografia(s): O Espaço e a sua Multiplicidade”. Realizado entre os dias 11 e 13 de maio de 2011, em Porto Alegre.

algo, pois o que é visto por meio dela não pode ser estendido, fielmente, para além do que temos diante de nós.



Por que não poderíamos estudar Geografia fora da sala de aula? O mundo só é realmente conhecido por meio dos livros e mapas? E se pensarmos de outra forma? Por exemplo, do bairro Restinga, na zona sul, até o centro de Porto Alegre, uma pessoa pode passar, às vezes, mais de uma hora sentado em um banco de ônibus. Frequentemente, olhar pelas janelas é a principal distração dos passageiros do transporte público. Através delas, porções do espaço passam diante de nossos olhos e em cada parada prestamos um pouco mais de atenção em um ou outro detalhe. Por exemplo, a área verde que até semana passada estava ali e agora dá lugar a escavadeiras, caminhões e operários. Vemos também as casas pobres e as casas ricas, a quantidade de carros na avenida, uma carroça deixando o

trânsito mais lento, as pessoas que, nas ruas, trabalham, pedem, protestam, etc. Como páginas de uma história ou slides de um projetor, se nos apresenta o espaço geográfico, cena por cena, não como apenas o conjunto da materialidade ao nosso redor, nem somente uma superfície inerte sobre a qual nos movemos. Qualquer noção que veja no espaço apenas um suporte para coisas estáticas, sem movimento, história ou inter-relações, está, por certo, em desconformidade com este estudo. É necessário considerar, tal qual Santos (2006, p.49), “o espaço geográfico como a soma indissolúvel de sistemas de objetos e sistemas de ações”. Ou seja, é uma forma de conceituar que articula o todo e as partes, compreendendo uma extensão de objetos em contiguidade e interação constante, conformando, dessa forma, uma visualidade. Assim, cabe ao Professor de Geografia a tarefa de educar o olho para uma leitura mais atenta dessa grafia espacial.

Coloco-me junto aos que acreditam na possibilidade de se apreender o conhecimento geográfico por meio das mais diversas linguagens e que, portanto, as imagens jogam importante papel. Podemos dizer que grafar nossa visão sobre o espaço é, de alguma forma, geo-grafar (OLIVEIRA JR, 2009) e isso é mais possível ainda se pensamos a prática da Geografia também como uma prática de leitura e interpretação do mundo. Os fatos geográficos são como um livro cujas páginas estão sob nossos pés e ao nosso redor; estamos imersos neles. Em outras palavras, me refiro ao espaço geográfico como o texto da Geografia, que deve ser lido e interpretado em seu estudo (REGO e HEIDRICH e SUERTEGARAY, 2003).

4
RUMO AO
FRONT



4 RUMO AO FRONT

Uma homenagem à Imperatriz Leopoldina, no ano de 1824, foi o motivo pelo qual as terras em torno do Rio dos Sinos foram batizadas com o nome de Colônia Alemã de São Leopoldo. Lá encontrariam abrigo os imigrantes alemães enviados pelo então Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande, José Feliciano Pinheiro¹⁰. Segundo o site da Prefeitura Municipal de São Leopoldo¹¹, os recém-chegados eram trinta e nove ao todo e em memória dessas pessoas o dia 25 de julho foi transformado em feriado municipal. Um dia para lembrar a “contribuição dos alemães ao nosso Estado”.

Dos trinta e nove habitantes iniciais, a atual população da cidade de São Leopoldo passou para pouco mais de duzentos e quatorze mil¹². O “berço da colonização alemã”, como se refere o site da prefeitura, é hoje parte da Região Metropolitana de Porto Alegre, sendo um município de considerável importância no estado se comparar seus números socioeconômicos, apresentados na Tabela 1, com os do Estado do Rio Grande do Sul, os quais podem ser apreciados na Tabela 2.

Ainda que meu objetivo não seja comprovar com base em dados quantitativos minhas colocações nesse trabalho, os mesmos podem nos ajudar a pensar São Leopoldo como uma cidade que possui boas condições de vida e se tomarmos contato com as fotos disponíveis no site da prefeitura, essa impressão de um município de origem europeia, próspero, de gente pacata e trabalhadora pode ser reforçada. Para exemplificar isso, temos as Figuras 25 e 26.

¹⁰ Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=431870#>. Acesso em: 25 setembro 2011.

¹¹ Disponível em : https://www.saoleopoldo.rs.gov.br/home/show_page.asp?user=&id_CONTEUDO=37&codID_CAT=21&imgCAT=&id_SERVICO=&categoria=%3Cb%3ECidade%3C/b%3E. Acesso em: 25 setembro 2011.

¹² Disponível em: http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/resumo/pg_municipios_detalhe.php?municipio=S%E3o+Leopoldo. Acesso em: 25 setembro 2011.

Tabela 1: Dados socioeconômicos do município de São Leopoldo.

Município	São Leopoldo
População Total (2010)	214.087 habitantes
Área (2010)	102,3 km ²
Densidade Demográfica (2010)	2.902,5 hab/km ²
Taxa de Analfabetismo (2010)	3,17%
Expectativa de Vida ao Nascer (2000)	69 anos
Coeficiente de Mortalidade Infantil (2010)	11,53 por mil nascidos vivos
Exportações Totais (2010)	US\$ FOB 342.846.041
Data de Criação	01/04/1846 (Lei nº4)
Município de Origem	Porto Alegre

Fonte: FEE (2011)

Tabela 2: Dados socioeconômicos do Estado do Rio Grande do Sul.

Estado	Rio Grande do Sul
População Total (2010)	10.693.929 habitantes
Área (2010)	281.748,5 km ²
Densidade Demográfica (2010)	38, 0 hab/km
Taxa de Analfabetismo (2010)	4,53%
Expectativa de Vida ao Nascer (2000)	72,05 anos
Coeficiente de Mortalidade Infantil (2010)	11,41 por mil nascidos vivos
Exportações Totais (2010)	US\$ FOB 15.382.445.828

Fonte: FEE (2011)



Figura 25: Câmara municipal de São Leopoldo.
Fonte: Prefeitura de São Leopoldo, 2011.



Figura 26: São Leopoldo.
Fonte: Prefeitura de São Leopoldo, 2011.

Na primeira imagem é possível ver uma casa, que serve como sede da câmara municipal, construída num estilo colonial, lembrando as heranças culturais da cidade. Pode-se ver que a foto foi tirada em um dia ensolarado e as árvores próximas ao local cobrem com uma agradável sombra toda a área em torno da construção, remetendo a uma atmosfera de tranquilidade e calma. Quase nos imaginamos sentados naquele banco de praça, tomando um chimarrão e jogando conversa fora.

A segunda apresentará outro aspecto do município, o ponto de vista aéreo amplia a mirada, os prédios, casas, pontes e estradas se esparramam pelo terreno, o que vemos é uma grande cidade, ainda que não tenhamos certeza se as construções perdidas no horizonte fazem parte de outro município ou não. Não fica dúvida: as referências capitalistas de desenvolvimento, modernidade e progresso estão todas emanando da imagem.

Temos então a visão de São Leopoldo como um lugar para se viver com tranquilidade e paz, mas também com boas oportunidades de trabalho e crescimento econômico. Como venho fazendo no trabalho desde o começo, fica mais uma pergunta: essa visão da cidade é partilhada por todos os cidadãos leopoldenses?

4.1 NO *FRONT*

Digitando as palavras “vila caída do céu são leopoldo” no site de buscas *Google*, o primeiro resultado encontrado é o endereço eletrônico da Câmara Municipal de São Leopoldo, onde é possível tomar conhecimento da Lei Municipal N° 1.990, de 09/11/1978, a qual denomina de “Bairro São Cristóvão a atual Vila ‘Caída do Céu’”¹³. Há mais de trinta anos, a localidade que abriga a Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Jorge Germano Sperb recebeu uma denominação oficial da administração do município de São Leopoldo, porém parece ser mais comum os moradores se referirem à sua comunidade pelo seu nome antigo que provavelmente tenha se originado das formas inclinadas apresentadas pelo local e exemplificadas na Figura 27.

¹³Disponível em:

<http://www.camarasaoleopoldo.rs.gov.br/index.php?pg=tmpl.leis&id=29&l=5521>. Acesso em: 25 setembro 2011.

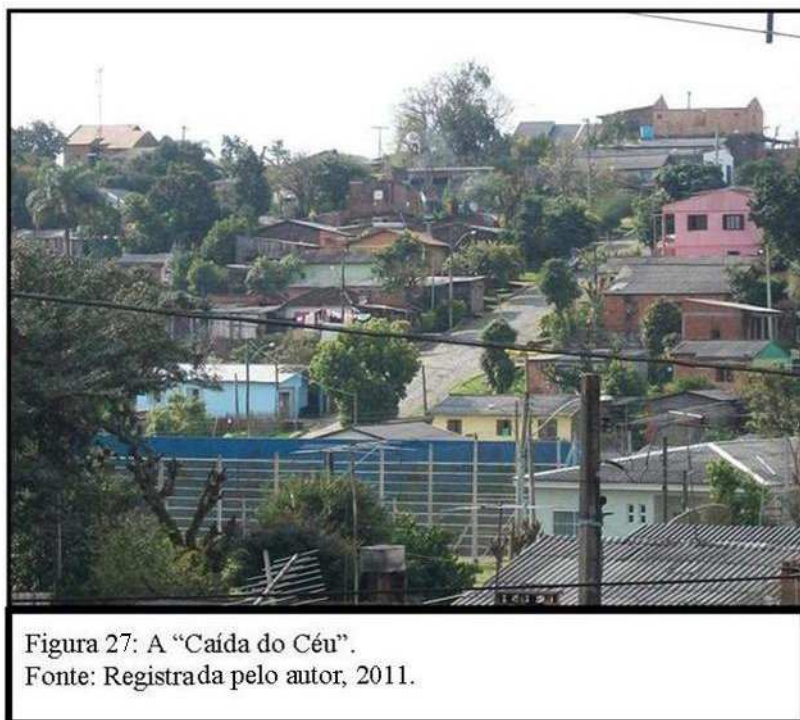


Figura 27: A “Caída do Céu”.
Fonte: Registrada pelo autor, 2011.

A segunda ocorrência da internet, ao efetuar-se essa mesma busca, é a do site da Segurança Pública do Rio Grande do Sul¹⁴, que noticia a prisão de três pessoas suspeitas de latrocínio. Suspeitos presos por policiais são noticiados também na quinta¹⁵ e sexta¹⁶ ocorrências da rede mundial de computadores, levando o internauta a pensar que se trata de uma vizinhança perigosa. Como qualquer bairro afastado dos centros urbanos, São Cristóvão pode despertar algum receio de insegurança em quem para lá se dirige, o que explica um pouco o título escolhido para esse capítulo e o uso da palavra *front* como uma metáfora de guerra ou do ato de arriscar a vida. Por outro lado, nós, professores, não deixamos de nos meter em uma espécie de campo de batalha ao entrarmos em uma sala de aula, com uma missão a cumprir e riscos a correr. Começar e concluir um projeto de prática de ensino é um exemplo disso e esse foi o motivo que me levou até lá. Por isso, a metáfora usada não tem o

14

Disponível em: http://www.ssp.rs.gov.br/portal/principal.php?action=imp_noticias&cod_noticia=3585. Acesso em: 25 setembro 2011.

¹⁵Disponível em: <http://www.jornalnh.com.br/policia/259053/preso-suspeito-de-participar-de-assaltos-em-lomba-grande.html>. Acesso em: 25 setembro 2011.

¹⁶Disponível em: <http://www.diariodecanoas.com.br/policia/343381/agentes-lepoldenses-efetuam-a-22-prisao-da-operacao-reconquista.html>. Acesso em: 25 setembro 2011.

objetivo de estigmatizar a comunidade em que a pesquisa se deu, mas de afirmar este trabalho como mais um, junto com tantos outros, na luta pela construção de uma proposta de ensino que valorize a criatividade, a imaginação e o pensamento crítico dos estudantes.

Assim, foi na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Jorge Germano Sperb, cuja imagem da fachada aparece na Figura 28, que o trabalho de campo aconteceu. Uma escola de dimensões modestas, com turmas numericamente pequenas e com a presença de um colega de mestrado no corpo docente. Essas pareciam as melhores condições para a aplicação da minha proposta, pois o trabalho poderia se desenvolver com calma, evitando que minha aparição fosse interpretada como uma intromissão.



O planejamento e a execução das atividades contaram com a participação desse colega, professor titular das duas turmas escolhidas para a pesquisa e cuja presença foi fundamental para que se chegasse de forma satisfatória ao final dessa etapa de trabalho, facilitando minha entrada na escola e nos grupos de alunos, fazendo com que os mesmos encarassem as atividades com os quadrinhos de forma mais séria, não como experiências temporárias ou de passatempo sem compromisso, mas como parte do seu aprendizado. As turmas eram a 71 e a 72, da sétima série, ou oitavo ano do ensino fundamental (nomenclatura que a escola terá de adotar em breve), contando entre 15 e 17 alunos cada uma delas, com uma média de idade que não ultrapassava os quinze anos.

4.2 COMEÇANDO A BATALHA

Estabelecemos um cronograma o qual, como costuma acontecer, acabou sendo parcialmente desrespeitado. Apresento, na Tabela 3, a ordem como se deu os sete encontros e, mais adiante, tento estabelecer um diálogo entre minhas impressões e as ideias que orientam essa pesquisa.

Tabela 3: Cronograma das atividades realizadas.

Data	Atividade Desenvolvida
27/06/2011	Observação em sala de aula
04/07/2011	Conhecendo os Quadrinhos
01/08/2011	Atividades: Preencher os balões e ordenar os quadrinhos
07/08/2011	Atividade: Analisar a página de Quadrinhos
15/08/2011	Atividade: Criar uma História em Quadrinhos
22/08/2011	Atividade: Criar uma História em Quadrinhos
05/09/2011	Atividade: Exposição das produções dos alunos

Fonte: Elaborada pelo autor.

4.2.1 Observação em Sala de Aula

Foi o dia reservado para a observação, para fazer o primeiro contato com os alunos e começar a conhecer como se comportam em aula, identificar as coisas que mais lhes chamam a atenção, perceber como reagem e qual a sua disposição para participar de propostas diferentes, ou até inusitadas, em aula. Esse momento tinha como objetivo, também, tomar conhecimento do conteúdo trabalhado pelo professor e pensar como articulá-lo usando a linguagem dos quadrinhos.

A observação se deu, separadamente, nas duas turmas, a 71 e a 72. Porém, neste relato, vou me referir de forma geral sobre elas, como se fossem uma, já que coisas bastante parecidas foram observadas em ambas.

O assunto tratado pelo professor titular era o capitalismo globalizado, e tinha como intuito preparar o conteúdo seguinte, a Geografia das Américas. Portanto, tratava-se de uma temática bastante rica para ser explorada em atividades críticas e imaginativas. Saliento que com isso não pretendo afirmar a impossibilidade do mesmo ser feito com qualquer outro assunto.

As turmas não se diferenciavam tanto de muitas outras em qualquer escola pública brasileira. Os alunos, embora apresentassem uma agitação típica, prestavam atenção e erguiam os braços para interpelar o professor em meio a sua exposição, enriquecida com personagens desenhados por ele no quadro, enquanto falava sobre o fim da guerra fria, a internacionalização do capital e a instalação de fábricas pelo mundo. Na medida em que a aula se desenrolava, os estudantes eram chamados a participar através de perguntas quanto à sua realidade, às empresas que conheciam, o que sabiam sobre a produção e a circulação de mercadorias, etc. Com isso, eu recolhia ideias e pensava em como apresentar esse assunto através das HQs. Assim, uma série de atividades e exercícios foi criada.

4.2.2 Conhecendo os Quadrinhos

Enfim, era chegado o momento de entrar em ação. Para esse dia, foi pensada a apresentação dos quadrinhos e da proposta de trabalhar com eles aos alunos. Isso se daria através de uma exposição oral, apoiada pelo uso de um aparelho de projeção tipo data-show, seguido da distribuição de HQs em aula para tomarem contato direto e se familiarizarem mais com a linguagem. Na tentativa de facilitar essa aproximação, foram elaboradas questões para a reflexão dos estudantes, tais como: quem eram os personagens, que características apresentavam, onde se passavam as histórias e um resumo do que leram.

Essa atividade se mostrou ser de grande relevância, pois, ao começar a conversa, percebi que, embora soubessem da existência dos quadrinhos, muitos não tinham o costume de lê-los. Seu conhecimento de personagens não

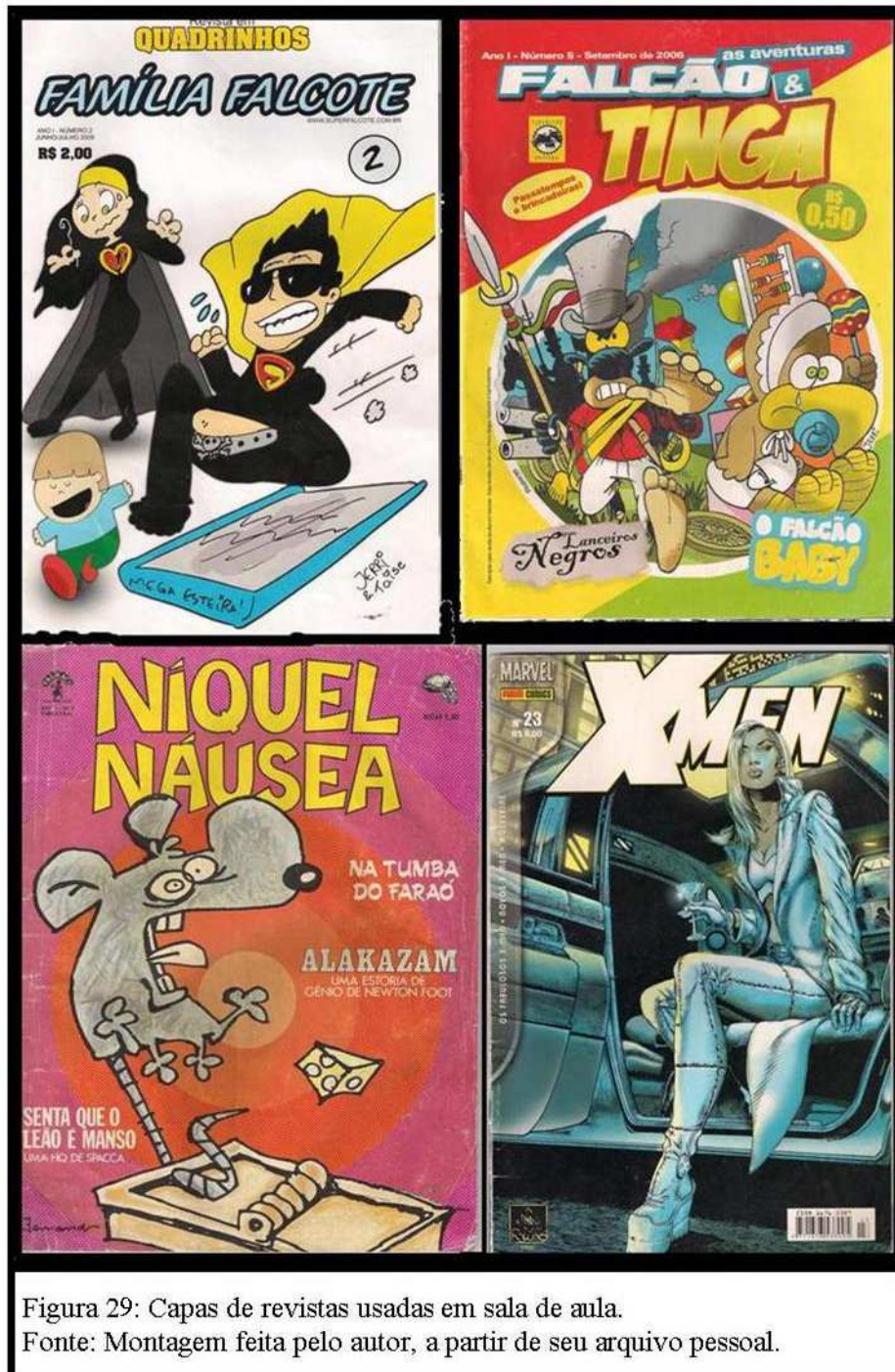
ia além da *Turma da Mônica* ou *Disney*. Pode-se, a partir daí, generalizar-se a ideia de que as novas gerações já não se interessam por essa linguagem e os computadores e videogames roubaram totalmente a sua atenção? Acredito ser precipitado inferir tal coisa aqui. A proposta de trabalho, ainda que não tivesse, no caso específico dessas turmas, a virtude de aproveitar algo familiar aos alunos para o ensino de Geografia, serviria, então, para a apresentação de uma novidade interessante, uma coisa que talvez estivesse tão perto deles e, por incrível que pareça, só foram conhecê-la na sala de aula.

Na exposição lhes foram apresentados os elementos da linguagem dos quadrinhos: conheceram um pouco mais da função dos diferentes balões e como estes são alterados para transmitirem sentidos diferentes (comentado no capítulo 2); compreenderam a função que desempenham as onomatopeias (as quais produzem um “efeito linguístico”, segundo a expressão usada por um aluno); refletiram sobre as metáforas visuais e todas as sensações que procuram nos ser passadas, unicamente, pelos nossos olhos.

Após minha fala, distribuí uma variedade de revistas em quadrinhos com os mais diferentes títulos para os alunos: *Mônica*, *Cebolinha*, *Pato Donald*, *Mickey*, *X-Men*, *Família Falcote*, *Níquel Náusea*, *As Aventuras de Falcão e Tinga*, entre outros. Algumas capas podem ser vistas na Figura 29. A preferência foi dada à leitura de histórias curtas e as questões que acompanhavam eram as seguintes:

- 1) Identifique os personagens principais e secundários da história.
- 2) Onde se passa a história? Como você descreveria o cenário?
- 3) Faça um resumo sobre a história, contando sua ideia principal.

Essas perguntas visavam possibilitar a constituição de uma leitura mais atenta por parte dos alunos e a aproximá-los da linguagem quadrinística, fazendo-os perceber suas nuances e suas maneiras de comunicar, tanto pelas palavras quanto pelas imagens.



4.2.3 Preencher os Balões e Ordenar os Quadrinhos

O intuito principal das atividades era trabalhar a criatividade dos estudantes, fazendo-os imaginar situações e entender como funciona o tempo e o espaço nos quadrinhos, visando “educar os olhos” (OLIVEIRA JR, 2009) para ler o espaço geográfico.

A primeira tarefa proposta consistia em preencher os balões, que tiveram os textos apagados por mim, de uma História em Quadrinhos. Assim, deveriam imaginar falas para os personagens, de acordo com as sensações que as imagens lhes transmitissem. Cada aluno preencheu os balões e então conversamos sobre suas escolhas e como perceberam os acontecimentos em cada quadrinho, se a cidade retratada na história se parece com alguma outra conhecida, etc. A HQ original pode ser vista nas Figuras 30 e 31.

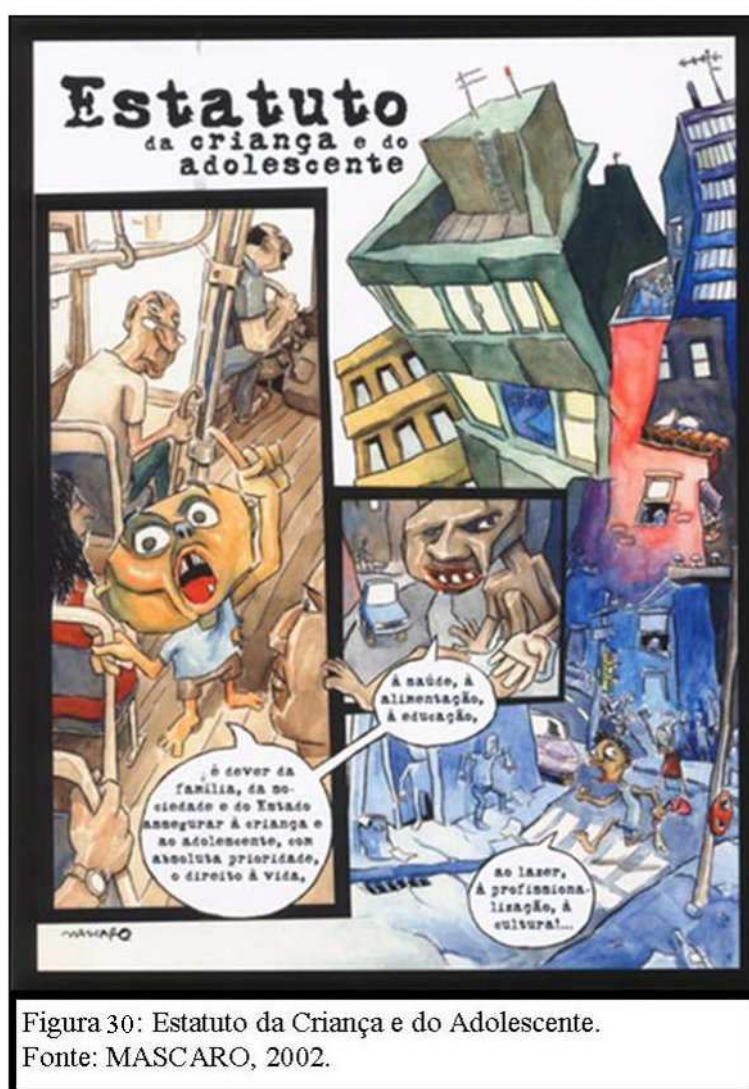


Figura 30: Estatuto da Criança e do Adolescente.
Fonte: MASCARO, 2002.



Figura 31: Estatuto da Criança e do Adolescente 2.
 Fonte: MASCARO, 2002

Em geral, as versões criadas pelos alunos remetiam a uma ideia de caos, desordem, violência e insegurança. E os títulos de suas histórias variaram entre “Uma Loucura na Cidade”, “O Assalto”, “O Terremoto” ou “A Maior Confusão”. Todos fazendo referência à mesma sensação. É possível pensar que isso se deve, justamente, às imagens observadas na HQ: pessoas correndo, com medo, e personagens com olhos arregalados. O traçado tremido dos desenhos e as formas curvas dos prédios e carros estilizados colaboram para esse resultado. Nas Figuras 32 e 33 temos o exemplo de um dos trabalhos realizados¹⁷.

¹⁷ Os primeiros nomes dos alunos foram mantidos por acreditar que esse fato não representa qualquer prejuízo para os mesmos.

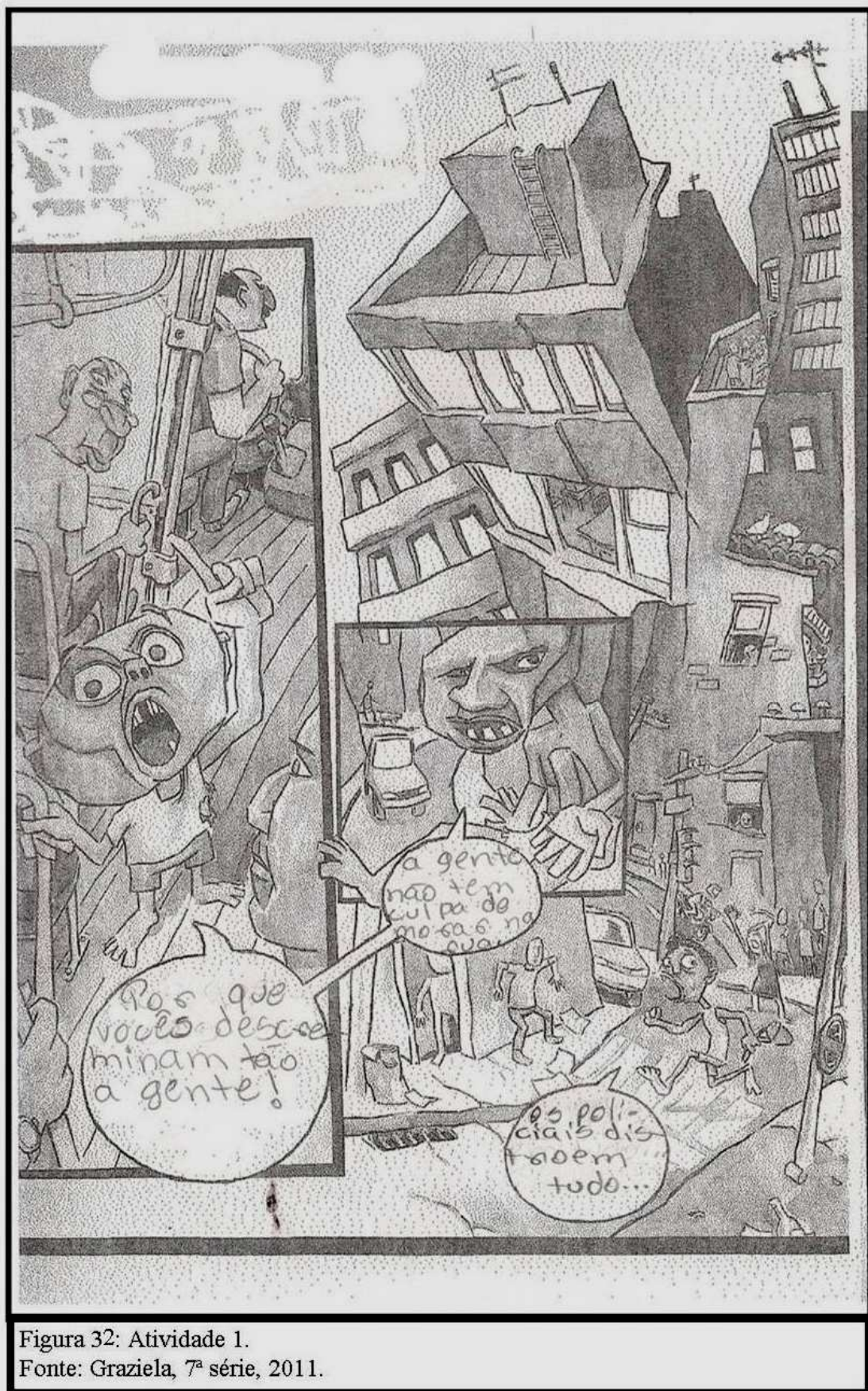


Figura 32: Atividade 1.
Fonte: Graziela, 7ª série, 2011.



Figura 33: Atividade 1 b.
Fonte: Graziela, 7ª série, 2011.

Curiosamente, um aluno batizou a sua história de “São Leopoldo”. Retomando aquela visão da cidade que está estampada do site da prefeitura, de uma cidade limpa, tranquila, segura e próspera, podemos dizer agora que ela não é uma unanimidade entre seus moradores. Ao ser perguntado sobre o motivo da escolha desse nome para seu trabalho, o aluno levantou-se, abriu a porta e apontou-me a rua, como quem diz: “Veja por você mesmo!”

Ao sair para a rua, o que podia ser visto era a imagem da Figura 34. Certamente, essa é uma fotografia que se diferencia das encontradas no site da prefeitura. Nada do glamour de casas coloniais, nem da grandiosidade do ponto de vista aéreo. Aqui temos as casas mais simples, os materiais de construção na calçada, os cinzentos telhados de zinco e amianto justapostos e os carros velhos estacionados. Além disso, o aparecimento do bairro nas páginas policiais com alguma frequência pode levar à constituição dessa “visão” sobre São Leopoldo manifestada pelo aluno.

Mais uma vez, refiro-me à palavra visão como colocada por Cosgrove (2008), cujo significado ultrapassa as relações entre os reflexos luminosos, os nervos ópticos e o cérebro e se mescla a uma concepção de mundo. Temos



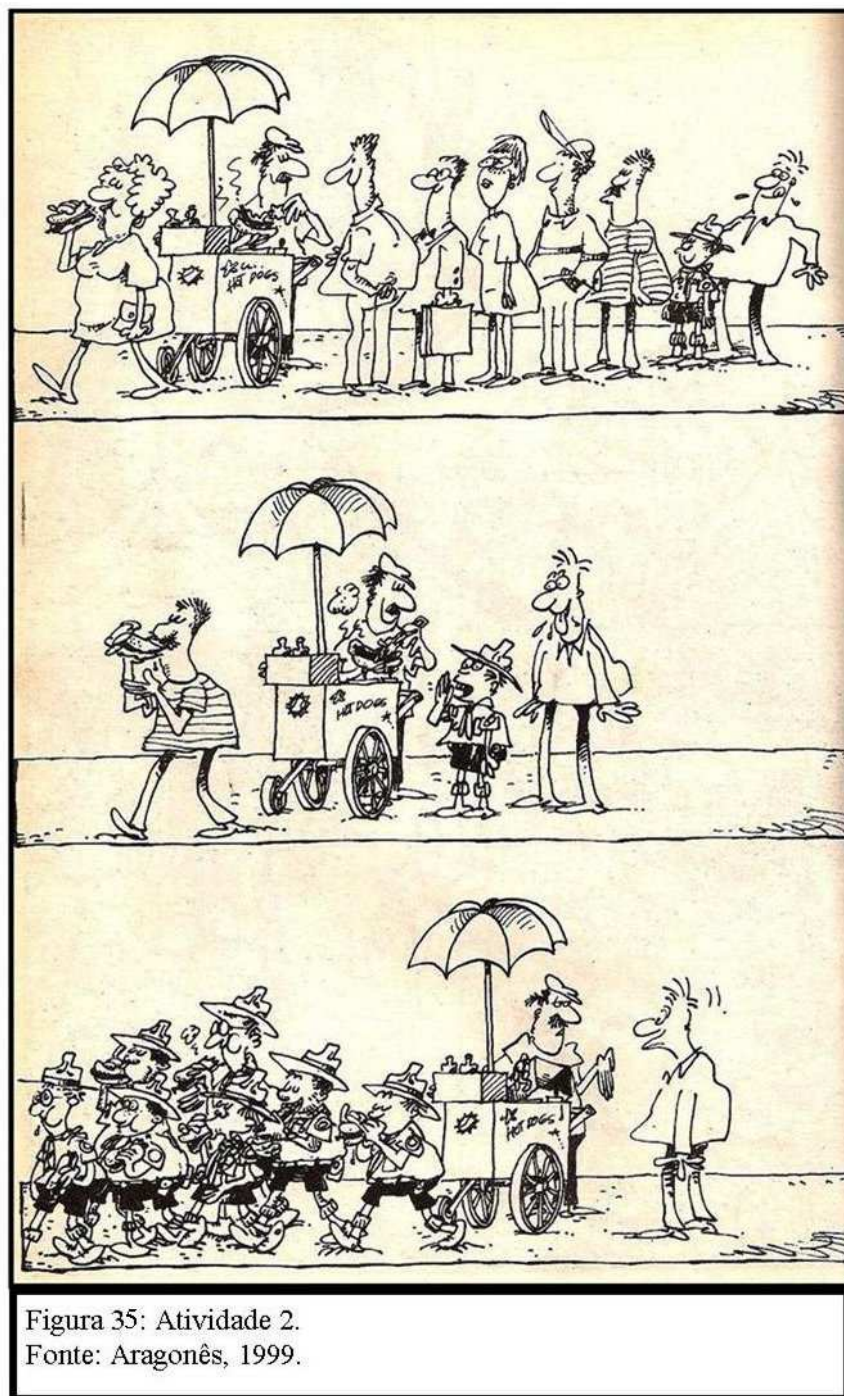
Figura 34: Na frente da escola.
Fonte: Registrada pelo autor, 2011.

aqui, ao menos, duas visões sobre a cidade. Dois modos de relacionar-se com o espaço e de apresentá-lo, duas grafias espaciais, duas Geografias.

Outra atividade realizada, ainda nesse encontro, consistiu em apresentar desordenadamente quadrinhos de uma mesma sequência aos alunos e pedir-lhes para que encontrassem alguma ordem que fizesse sentido para eles. Após isso, os alunos foram solicitados a explicar a escolha tomada. Eram duas as histórias, porém apresentarei aqui apenas uma. Trata-se de uma sequência criada pelo artista Sérgio Aragonés que encontramos, sem alterações, na Figura 35.

Analisando os quadrinhos, percebemos que se trata de uma sequência bem simples e, por isso, nenhum aluno mudou essa ordem. Basicamente, acompanhando a diminuição da fila e a chegada do último colocado na carrocinha de cachorro-quente, temos a história como ela foi pensada originalmente pelo autor. Desse modo, no segundo quadrinho, aparece o personagem do menino escoteiro fazendo o gesto de estar chamando alguém, então, no terceiro e último quadrinho é apresentado um grupo grande de escoteiros que vai embora, enquanto o dono da carrocinha explica ao cliente, desolado, que não há mais cachorro-quente.

A chegada a essa conclusão é possível devido ao que McCloud (1995) chama de “Sarjeta”, aquele espaço vazio entre dois quadrinhos, que só vemos em nossas mentes, mas é fundamental para que as imagens estáticas ordenadas e imprensas no papel ganhem movimento. Por exemplo, não existe um quadrinho desenhado entre o segundo e o terceiro na sequência de Aragonés no qual se veja o mesmo grupo de escoteiros chegando e comprando os cachorros-quentes. Só é possível imaginá-lo e essa imagem mental dá o sentido entre os dois momentos apresentados de forma fragmentada, nos fazendo compreender o desfecho da história. Nas palavras de McCloud (1995, p.66): “[...] no limbo da Sarjeta [...] a imaginação humana capta duas imagens distintas e as transforma em uma única ideia”.



Então, como aplicar essa noção na proposta de ensino de Geografia trazida nesse trabalho? Para isso, se pensou a seguinte atividade: foram apresentadas duas imagens aos alunos, são elas as das Figuras 36 e 37.



Figura 36: Engarrafamento.
Fonte: Auto Povo, 2011.



Figura 37: Linha de montagem.
Fonte: Boletim Eletronico, 2009.

Que relação pode haver entre as duas fotos? Desse modo, foi pedido que, assim como no exercício anterior, os estudantes, em duplas, pensassem alguma ordem para as imagens, estabelecendo uma ligação para elas, através de um texto escrito, contando uma história ou não. Ou seja, a tarefa era preencher mentalmente o espaço vazio, criando uma Sarjeta. Como não lhes foi informado de que partes do mundo foram tiradas essas fotografias, também

deveriam imaginar uma localidade para elas. Transcrevo algumas respostas, para reflexão:

Para nós dois a sequência é o seguinte: A produção primeiro e os carros andando depois. Porque os carros são iguais provavelmente uma linha de montagem. Nenhum carro pode sair andando se não existir. Aquelas pessoas parecem que estão visualizando o carro vendo se esta em boas condições para ser vendido.

A segunda imagem parece os carros já em uso, depois da montagem foram fazer o teste drive, é um engarrafamento em Caxias onde muitos carros estão circulando inclusive os da primeira imagem.

Foi isso que nós entendemos, nossa conclusão.¹⁸ (André, Diego, 7ª série, 2011)

São Paulo, uma grande metrópole brasileira, convive diariamente com os grandes engarrafamentos. E mesmo assim as fábricas continuam fabricando mais e mais automóveis.

Seu Afrânio nos contou que passar horas no trânsito faz mal para a mente e o corpo e principalmente para o planeta pois aumenta muito a poluição! E além do mais os acidentes e mortes aumentam muito mais e o rodízio já não tem dado muito resultado.(Lays, Graziela, 7ª série, 2011)

Nestes trabalhos é possível ver uma fácil associação entre a fabricação de carros, os congestionamentos constantes e poluição, mostrando que a junção das duas imagens específicas pode levar a uma ideia de que o chamado crescimento econômico ou industrial talvez não seja tão “positivo”. Refiro-me, com o uso das aspas, àquele ufanismo usado para se falar da economia de um país, como no caso dos governos no Brasil e da mídia em geral. Aliás, na maioria dos textos, se vê que a localidade escolhida para as histórias foram de cidades brasileiras como São Paulo. Também há uma referência à cidade de Caxias do Sul, localizada na chamada Serra Gaúcha, de importante presença industrial.

¹⁸ Todas as citações retiradas das atividades realizadas pelos alunos estão em itálico.

No texto a seguir falaremos sobre o aumento excessivo de circulação de carros nas grandes cidades. Congestionamentos estão se tornando frequentes, mesmo assim as fábricas continuam fabricando novos carros.

A primeira imagem mostra uma fábrica de carros, provavelmente na Alemanha ou em algum outro país que é grande produtor desse tipo de mercadoria. A consequência disso é o congestionamento como na segunda figura. Grandes cidades, como São Paulo, ficam paradas por horas por causa deste problema. Provavelmente essa foto foi tirada em uma das rodovias de São Paulo.

Bem, foi isso que nós podemos entender nas imagens. (Berdine, Iohanna, 7ª série, 2011)

Dentre os trabalhos, nenhum aluno sequer mencionou São Leopoldo. Ironicamente, um país europeu - justamente a Alemanha, de onde partiram os festejados colonizadores do site da prefeitura - aparece uma só vez, em todos os trabalhos. Na imaginação dos alunos, o Brasil, sobretudo São Paulo, desempenha um papel de destaque no capitalismo mundial? O que isso significaria? Quem sabe uma nova atividade poderia nos ajudar a pensar essas questões.

Após a conclusão, debatemos sobre as escolhas feitas, nos textos, para os locais de fabricação e circulação dos carros e a ordem atribuída para as imagens. Conversamos, também, sobre como nos afetam as situações mostradas nas fotos. Dessa maneira, o exercício proporcionou uma reflexão acerca do espaço e um modo de articular o conteúdo trabalhado em aula com o uso de uma linguagem que tem na imaginação do leitor um dos seus pontos-chave, dando sentido para imagens que, inicialmente, se apresentam de forma fragmentada. Mobilizando o pensamento, favorecendo uma articulação entre as atividades humanas e suas possíveis consequências espaciais.

Para Oliveira Jr (2011, p. 246), “imaginação espacial é obra da cultura na qual estamos inseridos, construída e ratificada pelos discursos e imagens que circulam por nossa sociedade”. Se as imagens veiculadas pela televisão, jornais, revistas e internet são a base sobre a qual formamos nossas diferentes ideias e leituras de mundo, o elemento quadrinístico da Sarjeta parece vir a dar sua contribuição a essa construção ou desconstrução imaginativa, dando sentido a essas imagens que chegam de forma fragmentada.

4.2.4 Analisar a Página de Quadrinhos

Como a linguagem dos quadrinhos pode contribuir para a educação dos olhos e para essa Geografia que indaga mais do que descreve? Novamente estou em sala de aula, mais uma batalha me espera. Nesse dia, minha proposta foi a apresentação de uma página de HQ para, através da sua leitura, estimular a reflexão sobre o conteúdo trabalhado pelo professor no primeiro encontro, o capitalismo global. Escolhi uma, mostrada na Figura 38, em que os diferentes elementos de uma metrópole aparecem e, por meio deles, pretendi pensar o local em que os alunos vivem e como se dá as suas vidas nele.

As questões para provocação dos alunos foram as seguintes:

1. A cidade da HQ é uma cidade capitalista? Argumente.
2. Compare a cidade da HQ com a sua. Quais as diferenças e semelhanças?

Abaixo, segue a transcrição e a análise de algumas respostas:

1. *A cidade da História é capitalista por que é desigual por que várias pessoas vivem diferentes. Umas ajuntando lixos e outros indo trabalhar de terninho. Uns de carrão e outro puxando carrinho.*
2. *Em comparação de São Leopoldo a cidade da História não tem muita diferença, por que algumas pessoas se matando ajuntando garrafas e outras saindo de gravatinha uns com carrão e outros indo a pé. Uns pedindo esmolas e outros nem dão bola. (Diego, Edivan, 7ª série, 2011)*



Figura 38: *Fractal*.
Fonte: GODOY e FERIGATO, 2009.

1. *Sabemos que é uma cidade capitalista, porque é uma cidade grande, muito movimentada, com muitas pessoas, carros e parece girar em torno do dinheiro (capital).*
2. *Essa cidade é muito mais movimentada que a nossa, mas tem muitos carros e prédios como no centro de nossa cidade. (Berdine, Iohana, 7ª série, 2011)*

Percebemos como a imagem de uma cidade grande e movimentada, com os prédios, outdoors, viadutos, carros e multidões, é comumente associada ao capitalismo, ao chamado desenvolvimento, pois parece “girar em torno do dinheiro”, como escreve um dos estudantes. Cidades grandes e movimentadas já existiam num passado anterior ao capitalismo, mas essas parecem ser de fato a sua marca, configurando um espaço e, além disso, um tempo.

1. *Parece que é uma cidade que não para, que valoriza o dinheiro e não se preocupa com a segurança das pessoas. Vemos muitos carros, o que gera muita poluição, vemos pessoas que moram na rua, pessoas que catam lixo e outras pessoas andando na rua!*
2. *Aqui em São Leopoldo não é muito diferente. Temos muitos carros na rua, muitas pessoas andando e muitos mendigos. (Lays, Graziela, 7ª série, 2011)*

1. *Sim por que o capitalismo provem do alimento central, ou seja, o capital. Todo o dinheiro acumulado pelo lucro obtido a partir do processo produtivo, existe um contraste entre o pobre e o rico um trabalha como licheiro e o outro como empresário mas os dois produzem lucros.*
2. *Pra nós tem ave a imagem com a nossa cidade, pois hoje em dia existe gente ainda que junta lixo para se sustentar. Então a imagem tem avê com São Leopoldo. (Raissa, Caroline, 7ª série, 2011)*

A frase “A cidade da História é capitalista porque é desigual...”, que pode ser lida na resposta número um, mostra que outra relação é feita nos escritos dos alunos: trata-se da desigualdade social, a diferença entre ricos e pobres. Na página de HQ mostrada como exemplo é possível visualizar personagens

como moradores de rua e catadores de material reciclável. Pelo texto nos quadros de legenda, sabemos que a cidade de que o Quadrinho trata é São Paulo, a maior metrópole brasileira. A associação entre capitalismo e desigualdade é possível somente no Brasil? Essa ideia se reforçaria pela comparação afirmativa em relação à cidade de São Leopoldo, ou será que no país onde vivemos a pobreza apenas é mal encoberta?

Ao serem chamados a fazer a comparação com São Leopoldo, de repente são encontrados elementos do capitalismo e a cidade onde vivem é inserida imaginariamente num contexto capitalista mais próximo do que é entendido como subdesenvolvido, com precárias condições de vida. Como já foi dito, trata-se de uma visão distinta daquela expressa pelo poder público municipal na *homepage* da prefeitura. Ainda que não tenha a intenção de desvendar um único sentido oculto, escondido, esperando para ser descoberto por alguém, pois, como coloca Foucault (1996, p.52): “Os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem”, pretendo problematizar ou levantar as mais diferentes possibilidades de análise e olhares a ser aprofundados, oxalá, a partir de meu trabalho.

Com a conclusão do debate, os alunos se dirigiram ao laboratório de informática da escola (EVAM, Espaço Virtual de Aprendizagem e Multimeios), mostrado na Figura 39, onde se iniciaria a próxima e última atividade, que teria prosseguimento nos encontros seguintes.



Figura 39: Alunos no EVAM.
Fonte: Registrada pelo autor, 2011.

5

LENDO O
ESPAÇO EM
QUADRINHOS



5 LENDO O ESPAÇO EM QUADRINHOS

5.1 A PRODUÇÃO DOS QUADRINHOS

A cada dupla de alunos e alunas foi solicitada a elaboração uma HQ sobre o conteúdo estudado na aula de Geografia, de uma ou duas páginas. Produzir Quadrinhos não é algo simples, é preciso alguma paciência, desenhar sequências em que o mesmo personagem terá que aparecer mais de uma vez, repetir o desenho, fazer cenários, etc. Por isso, pareceu-me inapropriado exigir dos alunos que fizessem isso. Dessa maneira, a experiência se deu diferentemente do modo tradicional, mas a lógica de produção foi a mesma. Para a construção, eles usariam imagens oriundas do site *Google* Imagens para desenvolverem suas histórias, organizando-as como colagens. O fato de a escola possuir um laboratório de informática e conexão com internet facilitou a proposta; além disso, foi usado o programa de editoração de imagens *OpenOffice-Draw* para realizarem suas montagens. O uso do laboratório trouxe outra possibilidade de análise para o estudo: a limitação do banco de dados do *Google* Imagens, levando a repetição das imagens escolhidas pelos alunos em seus trabalhos. Encontraríamos situação parecida, caso a proposta fosse desenvolvida com imagens de revistas ou jornais, pois igualmente teríamos nossas escolhas limitadas à disponibilidade das mesmas.

A atividade se deu da seguinte maneira: as duplas procurariam suas imagens digitando palavras-chave ligadas ao conteúdo estudado em aula, como “capitalismo”, “socialismo”, “desenvolvimento”, “subdesenvolvimento”, “desigualdade”, “livre-mercado”, “pobreza”, “riqueza” e “consumismo”. Com as imagens escolhidas, a elaboração das montagens seria o passo a seguir. Essas teriam de uma ou até duas páginas. Estou ciente de que esse condicionamento para a busca no site teria implicação nos trabalhos, quiçá limitando sua criatividade, mas entendi ser necessário, para que os mesmos se focassem na tarefa. Sabemos como a disponibilidade de internet pode levar alguém à dispersão fácil e entendo que aí estava meu papel como professor, ou seja, tornar possível aos alunos o alcance de suas potencialidades de criação e aprendizagem.

A escolha das imagens era livre, dentro das sentenças propostas e de acordo com a história pensada por eles. Feito isso, cada dupla partiu para o uso do *OpenOffice-Draw*. Um programa onde é possível trabalhar com diferentes imagens, ordená-las, diminuí-las, aumentá-las, sobrepô-las, acrescentar textos em caixas ou em balões, etc. Trata-se de uma versão equivalente ao *Publisher*, o editor de imagens do *Windows*. O uso dos computadores não representou uma dificuldade para esses jovens: como era de se imaginar, todos já estavam habituados a comunicar-se pelas redes sociais da internet e a realizar seus trabalhos escolares através dessa ferramenta.

Nesta parte da atividade é que as imagens aleatórias do *Google* ganhariam um ordenamento ou uma imaginação, não sei se distinta do comum ou não. Para Goettert (2010, p.96), “Imaginar o Mundo Moderno é imaginar um mundo feito margens, pedaços recortados de um espaço desigual, mas combinado”. Assim, esse mundo recortado que o *Google* Imagens nos apresenta receberia uma combinação, através da capacidade que a linguagem dos quadrinhos possui de, por meio da imaginação do leitor ou do autor, dar sentido àquilo que, de maneira objetiva, se encontra fragmentado. E, de certa maneira, não apenas pela Internet vemos um mundo em partes. Segundo McLOUD (1995, p.62): “Nossos sentidos podem revelar um mundo fragmentado e incompleto. Mesmo uma pessoa muito viajada só pode ver partes do mundo durante uma existência. Nossa percepção da ‘realidade’ é um ato de fé baseado em meros fragmentos”. Ou seja, nossa capacidade de imaginar o que não está dado para os olhos pode ser trabalhada através da leitura das HQs, aproximando-a com a leitura geográfica.

5.2 A LEITURA DOS QUADRINHOS

Trarei aqui para análise quatro trabalhos dos vinte e oito realizados. Falar de todos os Quadrinhos produzidos pelos alunos implicaria em um volume de páginas no texto, a meu ver, demasiado e, além disso, a recorrência dos mesmos eventos nas montagens realizadas provavelmente me faria incorrer em repetições.

Em todos os Quadrinhos analisados, aspectos diferentes do imaginário ligado ao capitalismo são observados. A ideia de ascensão social, de que somente com um elevado patamar de consumo se pode atingir a chamada felicidade, aparece nos dois primeiros trabalhos. Na terceira montagem, o que chama a atenção é a noção de desenvolvimento, de certa forma, tão cristalizada e quase inquestionável atualmente. Por último, o conflito entre ricos e pobres e suas implicações espaciais são trabalhados pelos alunos, trazendo possibilidades para a análise geográfica. Assim, parte das construções que sustentam o discurso capitalista se faz presente nas atividades realizadas e podem ser interpeladas pelo professor.

Começamos, então, com a Figura 40. O trabalho é apresentado aqui como foi criado originalmente, incluindo os erros de grafia da língua portuguesa. Da mesma forma se apresentarão os demais.

Esta montagem, como se pode ver, foi composta por três imagens acompanhadas por balões de fala, cuja ordem de leitura, de cima para baixo e da esquerda para a direita, como é feito no ocidente, lhe confere um possível sentido. Foucault (2004) analisou obras do pintor Magritte, conhecido por pintar com rigorosa semelhança os objetos do mundo em seus quadros. Exatidão essa apenas contrariada nos títulos escolhidos pelo próprio artista para nomeá-los, assaltando, dessa forma, o espectador com um sentimento de estranheza. Onde os olhos percebem, perfeitamente, o desenho de um cachimbo, é lido, logo abaixo deste, a frase “Isto não é um cachimbo”. Em outra obra, não há dúvida alguma de que se trata de um ovo o objeto pintado, porém, a inscrição que o acompanha, “Isto não é um ovo”, consegue fazer o olhar voltar mais uma vez para o desenho, a fim de certificar-se.

Nesse trabalho do aluno, o olho é atraído diretamente para imagem da criança raquítica, suja e esfarrapada, comendo restos do chão, com sua cabeça, tão grande em relação ao resto do corpo, descansando entre seus pequenos joelhos. Ela “diz”, através das letras impressas no balão: “Não aguento mais essa vida”.

SUPERANDO DIFICULDADES



Não
AUGUENTO
MAIS ESSA
VIDA



CHEGO EM
CASA já
TENHO QUE
TRABALHA
PARA
PODER NOS
SUSTENTAR



SERA QUE
ISSO
NUMCA
MAIS VAI
ACABAR
DROGA

Figura 40: Superando Dificuldades

Fonte: Gabriel, 7ª série, 2011.

Seguindo adiante com a leitura, a fala atribuída à criança do segundo quadrinho é como uma continuação da fala anterior, como se estivessem sendo pronunciadas pelo mesmo personagem. As duas, embora sendo diferentes - uma branca, a outra negra -, pelo fato de estarem presas em realidades fotográficas tão parecidas, são capazes de se passar por uma só. Será que as crianças pobres são todas irmãs gêmeas compartilhando o mesmo pedaço de mundo?

O terceiro e último quadro vai mostrar uma provável parada de ônibus servindo de dormitório para um personagem, uma figura aparentemente adulta, tendo como decoração uma placa publicitária. Aquela imaginária criança única, que comia migalhas do chão e trabalhava para se sustentar, parece haver crescido e agora tem como morada o mobiliário urbano das grandes cidades. Essa possível conclusão para a narrativa construída pelo aluno pode ser extraída através da fala final: “Será que isso nunca mais vai acabar? Droga”.

Ainda que escrito em vermelho, é somente depois da leitura dos quadrinhos e de digerir os diferentes sentimentos experimentados, de tristeza ou revolta, que nos damos conta do título e a partir daí uma estranheza se faz presente: o que acontece na história para receber como nome “*Superando dificuldades?*” Pois, aparentemente, o personagem não consegue escapar da sua situação de precariedade social. Então, como em *Isto não é um Cachimbo*, de Magritte (1966), voltamos os olhos para a história e vemos que, no último quadrinho, a placa de publicidade mostra uma possível solução para uma existência miserável. Nela, a foto de um rapaz branco e sorridente, segurando um aparente capacete de piloto de corridas, ilustra uma frase: “Todo mundo tem potencial para ser um vencedor”. Estaria aí a saída para o rapaz que repousa embaixo da placa conseguir “superar suas dificuldades”? Bastaria agarrar um capacete e entrar na grande competição que o capitalismo oportuniza a todos e a qualquer um que tenha disposição de ultrapassar seus concorrentes e atingir a linha de chegada? E que linha é essa?

Na narrativa única estabelecida ao mundo pela imaginação capitalista, todos - pessoas, povos, lugares ou países -, ocupam posições mais atrasadas ou mais avançadas de uma mesma linha evolutiva, possuindo cada um o seu valor de acordo com o ponto em que se encontram nela. Como coloca Oliveira Jr (2011, p.249):

Estes lugares distintos estão, a um só tempo, vinculados e desvinculados desta história mundial e, se em seus vínculos criam linhas potenciais de continuidade aos modelos capitalistas vencedores, em suas desvinculações – desarticulações – criam e potencializam devires diferentes daqueles propostos por estes modelos.

De certa forma, não houve escapatória para a narrativa dos alunos, aparentemente inscrita em um discurso de história única mundial capitalista, onde só há dois personagens possíveis: os perdedores e os vencedores e, para cada um deles, finais diferentes e opostos já estão reservados. O título e as imagens se vinculam e se desvinculam em algum ponto do espaço vazio entre elas.

Observando a próxima montagem a ser analisada nesse estudo, a da Figura 41, intitulada *Crianças Com Fome!*, vemos, no primeiro quadrinho, a imagem daquela mesma criança raquítica dos dois primeiros trabalhos, disponibilizada pelo *Google* Imagens ao se digitar as palavras “pobreza” ou “subdesenvolvimento”.

Parece difícil imaginar outra fala para aquela personagem do que a lida no balão: “Que vida ruim, não tenho os pais, moro na rua e tenho muita fome”. A história continua no próximo quadrinho, com outra personagem (ou será a mesma?), referindo-se ao seu local de moradia, semelhante a um campo de refugiados, da seguinte maneira: “Moro aqui neste lixo”. No final ela manifesta um desejo, o seu balão de fala projeta-se para a parte inferior da folha, ao lado direito do último quadrinho e nele se pode ler: “Queria viver assim”! Ao lado esquerdo desse balão se vê um quadrinho com a imagem de pessoas em um momento de lazer e relaxamento. Este se divide em dois, de um lado um casal imerso da cintura para baixo em um lago de águas cristalinas se alimenta de frutas tropicais e no horizonte se vê o que parece ser uma montanha coberta de vegetação, o que dá um aspecto paradisíaco à cena. Na outra metade do quadrinho, parecemos ver vizinhos realizando uma confraternização, com garrafas de cerveja sobre uma “mesa-boia”, bem como um botijão de gás, que parece servir para cozinhar ou assar algo.

Crianças com fome!!!



Que vida ruim
não tenho os
pais , moro na
rua e tenho
muita fome.



Moro aqui
neste de lixo



Queria viver
assim !!!

Figura 41 : Crianças Com Fome!
Fonte: Pâmela e Mileni, 7ª série, 2011

No último quadrinho, uma situação de desigualdade está retratada: enquanto os ricos viajam para um paraíso terrestre, os pobres aproveitam uma enchente para fazer uma festa na “piscina”. A situação dos moradores do bairro na foto, ainda que de precariedade, parece ser melhor que a do menino pobre do quadrinho anterior, justificando a sua fala.

Da mesma forma que na primeira HQ, intitulada *Superando Dificuldades*, temos o prosseguimento de uma fala, com personagens que parecem ser as mesmas, ainda que suas aparências visíveis nas fotos sejam diferentes. O menino pobre catando migalhas do chão bem poderia ser aquele que observa calmamente a câmera (ou o leitor) em meio a barracos de lona e restos de madeira.

Na transição do segundo para o terceiro quadrinho há um grande salto espacial, um salto duplo, se considerarmos os dois espaços mostrados no mesmo quadrinho: a ilha paradisíaca e o subúrbio de uma grande cidade. Ambos representando uma vontade do menino de mudar de vida, de alcançar uma existência menos precária. O caminho a percorrer para chegar àquela mesa farta no lago parece ser longo e, para a história única mundial, não há outro, apenas o do sucesso financeiro, com viagens turísticas ao redor do mundo. Fora desse caminho, só existe a miséria, a barbárie e a não-civilização. Assim, fecham-se as probabilidades e as proliferações de pensamentos, de concepção de outras formas de convívio entre as pessoas e dessas com o espaço geográfico (OLIVEIRA JR, 2010).

O próximo trabalho que apresento foi montado em duas páginas e é mostrado nas Figuras 42 e 43. Da mesma maneira que o primeiro, aqui continua mantida a versão original dos alunos, sem a correção ortográfica ou gramatical dos textos. Neste, intitulado *Um Olhar Sobre a Humanidade*, não se usou os balões de fala e seus autores optaram pelos textos escritos sobre as imagens, mesclando ambas, e com um narrador “onisciente” para a história, o qual, como sugere o seu título, lança seu olhar sobre a humanidade, nos levando a acompanhar quadro por quadro e a buscar as ligações entre os signos linguísticos e visuais.

Um Olhar sobre a humanidade



Figura 42: Um Olhar Sobre a Humanidade.
Fonte: Lays e Graziela, 7ª série, 2011.



Figura 43: Um Olhar Sobre a Humanidade 2.
Fonte: Lays e Graziela, 7ª série, 2011.

O contraste social é presença constante na história. Observada em um mesmo quadrinho ou em quadrinhos diferentes, a polarização entre ricos e pobres, bem como o questionamento em relação à mesma, permeia toda a leitura.

As mãos que mal seguram a grande quantidade de moedas douradas do primeiro quadrinho pairam sobre o mesmo menino miserável da montagem anterior. O quarto quadrinho da primeira página é repartido ao meio e o ponto de vista aéreo somado ao recorte escolhido para a imagem - sem horizonte e perspectiva - provocam a sensação de falta de profundidade. A foto é dividida em duas manchas, sendo que em uma delas impera os tons mais opacos de cinza e laranja e, na outra, as cores parecem mais vibrantes: azul, verde, vermelho e um brilhante branco. Forçando a vista e tentando perceber as profundidades, inicialmente imperceptíveis, aos poucos nos damos conta da existência, do lado direito da imagem, de um luxuoso prédio de apartamentos com uma sacada com piscina em cada andar, quadras esportivas e áreas verdes. Do lado esquerdo, um amontoado de casas sobrepostas nos traz a ideia de uma favela, um local de moradia precária, carente dos mais diversos tipos de infraestrutura urbana. A página termina com o quinto quadrinho, o qual mostra, em seu interior, outra montagem de duas imagens justapostas, trazendo a comparação entre os “bens” de um “pobre” e de um “rico”. No caso da metade direita, a mulher mescla-se à moto, como se fosse um acessório. Ambos, mulher e moto, são retratados como objetos possíveis de ser comprados.

Na página seguinte, a comparação continua dessa vez entre dois carros, vistos no primeiro quadrinho. Um, esportivo, e outro, que poderíamos chamar de “popular”, estacionados lado a lado. O da esquerda parece ter saído da fábrica apenas há alguns instantes antes de parar onde é visto na foto. O automóvel localizado à direita já aparenta ter muito mais tempo de rodagem. O “novo” e o “velho”, ou o “desenvolvido” e o “subdesenvolvido”. O discurso que apresenta o mundo dividido entre “desenvolvido” e “subdesenvolvido”, fechando a porta para outras possibilidades, pode ser percebido nesta imagem e, de diferentes maneiras, é o mesmo que circula na Geografia.

Uma das formas com que esse discurso se propaga, sobretudo no ambiente escolar, é através dos livros didáticos de Geografia. No trabalho de

Tonini (2002), encontramos uma análise sobre este artefato cultural – livro didático -, muito usado em sala de aula. Neles, é possível encontrar o que a autora chama de “estratégias” para criar um mundo bipolar, distribuindo papéis para os diferentes territórios do planeta. Assim, de um lado existem os países “subdesenvolvidos”, de passado colonial, de economia baseada em atividades primárias e de baixos índices de desenvolvimento humano. Na posição oposta, encontramos os “desenvolvidos”: antigas metrópoles coloniais, industrializados e de elevados padrões de vida.

A campanha midiática acerca de um possível crescimento econômico brasileiro, e do provável ingresso do Brasil ao clube dos “desenvolvidos”, parece não ter passado despercebida pelos alunos, o que pode ser comprovado com a frase do quadrinho final: “Onde está todo o desenvolvimento que todos dizem que está acontecendo”? Nesse caso, “desenvolvimento” talvez signifique igualdade social para os alunos, ou seja, uma situação não observada por eles na realidade de seu bairro, da sua cidade, do seu país ou até do mundo.

O terceiro trabalho visto nas Figuras 44 e 45 também abordará a questão da desigualdade social, porém trará outra dimensão dela, a do conflito social. Em *Um Mundo Diferente* temos, no primeiro quadrinho, a imagem de um homem rico, com um charuto entre os dedos e rodeado por notas de dinheiro e outros símbolos de riqueza, que, em sua “fala”, se gaba de sua situação: “Como é bom ser rico sem nenhum pobre para atrapalhar”. No segundo quadrinho temos uma concentração de pessoas com bandeiras, sendo que as vermelhas estão em destaque, sugerindo uma manifestação de protesto. Lendo o quadro ao lado esquerdo, descobrimos quem é esse homem: “Então armaram uma greve para invadir a casa do empresário Carlos para acabar com a suas riqueza”. Seguindo a leitura, temos uma transição que nos leva à cena de uma provável loja de televisores, repleta desses aparelhos, onde um dos personagens “fala”, através de um balão: “Terremos que falar com nosso empresário Carlos que não esta dando certo as vendas de TVs”.

Um mundo diferente

Como é bom ser rico sem
nenhum pobre para
atrapalhar.



Entao armaram uma greve
para invadir a casa do
empresario carlos para
acabar com sua riqueza

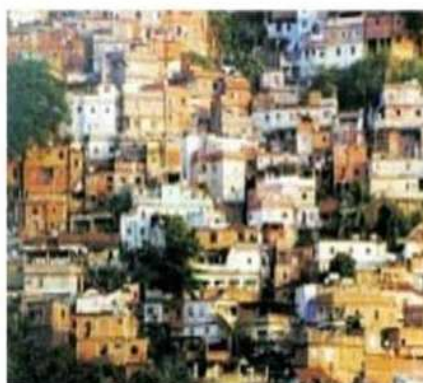


Figura 44: Um Mundo Diferente.
Fonte: Diego e Guilherme, 7ª série, 2011.

Terremos que falar com
nosso inpresario carlos
que não esta dando serito
as vendas de tvs



Carlos quer conprar esta
vila para construir casas
chiques para sua revenda



Que merda esse inpresario
tirou nossas casa e
nos jogou no mei o
do lixo



Figura 45: Um Mundo Diferente 2.
Fonte: Diego e Guilherme, 7ª série, 2011.

O resultado se vê no último quadrinho, com pessoas em uma espécie de “lixão”, onde, de um balão partindo de uma delas, se pode ler: “Que merda esse inpresario tirou nossas casa e nos jogou no meio do lixo”.

Do mesmo modo que em todas HQs de alunos apresentadas nesse trabalho, esta trará uma transição quadro a quadro conhecida, segundo McLoud (1995, p.71), como “transição cena – a – cena”, na qual somos levados, através de grandes cortes espaciais e temporais, de uma parte a outra da narrativa, cobrindo consideráveis distâncias. Assim, conhecemos a história de um empresário que, talvez pela greve de seus empregados, vê as vendas de suas lojas de televisão baixarem e com isso resolve investir no ramo imobiliário, comprando terras, nas quais pessoas pobres moravam, para a construção de casas de alto padrão.

De que “mundo diferente” esta história nos fala? De novo, sou assaltado pelo mesmo sentimento experimentado na Figura 40, aquele que Foucault sentiu ao contemplar *Isto não é um cachimbo*, de Magritte. Mais uma vez, os olhos voltam-se para a HQ, a fim de procurar o que há de “diferente” nesse mundo. Vemos o conflito comumente estabelecido entre os possuidores de riquezas e os carentes materiais, cuja situação de pobreza sempre o coloca em desvantagem social, pois além de viverem em moradias precárias, não têm nem a certeza da sua permanência nas mesmas. O vai e vem dos mercados influenciando as ações humanas, como a compra de um terreno e o seu uso para construção de um bairro privado, ou a expulsão de famílias de alguma área e a sua conseqüente conversão em sem-tetos a inchar a população de rua e a pobreza nas cidades, ou, então, a diminuição do poder de compra dos salários dos trabalhadores, levando-os a decretar uma greve contra essa situação de concentração de riqueza. Até aí não parece haver diferenças significativas com o que se conhece sobre o mundo, normalmente.

O próximo quadrinho mostra o que parece ser uma favela vista de longe e o quadro ao lado esquerdo segue a narrativa textual: “Carlos quer comprar esta vila para construir casas chiques para sua revenda”, dando a entender que o empresário Carlos decidiu mudar de ramo de negócios, do comércio de aparelhos eletrônicos para a especulação imobiliária.

Cada imagem usada na HQ, se tomada isolada das demais, possivelmente produzirá um sentido diferente do produzido quando em junção com as outras. A imagem de pessoas em um chamado lixão, grosso modo, não é mais do que isso. Porém, a maneira como ela foi introduzida na narrativa é que nos faz pensar em como essas pessoas foram levadas para lá e quão injusta é essa situação. Certamente, não seria necessário que uma imagem como esta fizesse parte de uma sequência de outras, ou viesse acompanhada de um balão de fala, para que o leitor a considerasse como a representação de uma injustiça social. Isso porque este já teria, provavelmente, sua carga de experiência sobre o mundo, sentidos já produzidos, visões já formadas, fazendo-o chegar a essa conclusão, assim como outro alguém poderia chegar à outra qualquer. Não precisaria ser uma fotografia o objeto de contemplação; estou me referindo a todas as nossas experiências sensíveis, seja assistindo à televisão ou a um filme, seja caminhando pelo bairro, ou como passageiro de ônibus ou trem. Nossa visão, no sentido de concepção de mundo, estará o tempo todo ligando cada impulso visual com a nossa imaginação.

Um mundo diferente, ou um espaço geográfico, pode ser percebido por cada um de nós: o empresário rico, o pobre despejado, o professor, a professora, o estudante, o morador de um bairro operário ou de um condomínio de luxo. Vemos vários mundos e agimos, ou não, para viver nesses mundos como os imaginamos. Nossos conceitos mediam nossa relação com o que está ao nosso redor, o espaço em que vivemos, bem como espaços mais distantes. Usando outras palavras, Rego (2003, p.280) se refere a essa leitura como uma hermenêutica instauradora:

Seria exatamente essa hermenêutica (interpretação geográfica), no sentido de que ela tem esse texto primeiro, que é o espaço geográfico, e que através de seus conceitos vai relacionando estes fatos (geográficos) [...] torna-se (então) possível estabelecer inter-relações e nexos explicativos entre os fatos e, portanto, níveis de entendimento cada vez mais complexos, com capacidade de articulação entre o particular e o global.

Dessa forma, ao trabalhar as HQs os alunos realizaram uma leitura geográfica, articulando fatos como a existência de pessoas pobres, moradores de rua, pessoas ricas, condomínios de luxo, favelas, desigualdade social,

manifestações populares, engarrafamentos de trânsito, etc. enxergando nexos expressados em seus trabalhos, como, por exemplo, o da luta individual por ascensão social em um mundo capitalista e a imposição de haver uma história única a ser seguida por todos.

5.3 A EXPOSIÇÃO DOS QUADRINHOS

Após a conclusão de suas HQs, das quais vimos quatro, os alunos ainda tinham mais uma tarefa. Foi proposta uma exposição dos trabalhos na escola, impressos e colados em pedaços de papel pardo, que seriam fixados na parede. Exemplo da confecção do material exposto encontra-se na Figura 46.



Figura 47: Alunos montando a exposição.

Fonte: Registrada pelo autor, 2011.

As demais turmas da escola foram convidadas a visitar a exposição e os alunos que realizaram o trabalho tinham a tarefa de recebê-las, explicar-lhes como se deram as atividades e responder-lhes qualquer dúvida, como é mostrado na Figura 47.



Figura 48: Alunos na exposição.
Fonte: Registrada pelo autor, 2011.

Durante algumas das conversas acontecidas, uma fala, de uma das alunas, nos remete novamente à discussão sobre visão, imaginação e leitura geográfica. No momento de sua apresentação ela explica que o trabalho serviu para “nos darmos conta das coisas que estão ao nosso redor e não percebemos”, como, por exemplo, o fato de “ter gente que tem tudo e outros que não tem nada”. Observando os olhares dos alunos das turmas visitantes sobre as montagens, percebe-se como lhes provocam risos as imagens de pessoas esfarrapadas e esqueléticas comendo lixo. Apontando-se uns aos outros, comparam de forma cômica personagens das histórias com seus colegas e seus parentes, etc. Outra aluna, que realizou a atividade, comentou sobre esse tipo de comportamento, tratando-se, em sua opinião, de uma maneira de compensar o sentimento de tristeza que se sente ao deparar-se com essas imagens, o qual é mais difícil de manejar dentro do peito.

A imaginação que temos sobre o mundo é formada, em parte, pelas imagens dele que nos chegam. Entender estas, não como representantes fiéis da realidade, mas como uma possibilidade, é importante para um ensino de Geografia preocupado com a não reprodução de discursos cristalizados.

Embora estes circulem, sujeitando a cada um de nós das mais diversas formas, acredito que interpelá-los é muito importante para quem, como eu, está na trincheira da sala de aula, ou fora dela.

O trabalho de leitura, análise e montagem de HQs em sala de aula se destinou, de uma forma diferente, à educação do olhar, construindo assim um pensamento espacial através de uma leitura geográfica. Acredito que isso seja possível dessa maneira, pois seja pensando na desigualdade social, quando questionaram os índices elevados de desenvolvimento, ou no despejo de famílias de suas casas por causa da especulação imobiliária - que aparece como um agente de transformação espacial -, ao escolherem imagens e dar a elas um nexos sequencial, os alunos, de algum modo, pensaram também sobre o espaço.

Cabe ao professor fazer essa leitura dos trabalhos dos alunos e, em outro momento, dar um retorno dela, procurando discutir as questões espaciais evidenciadas visando à educação de um olhar espacial. Como coloca Callai (2003, p. 64):

Este olhar espacial precisa ter referências teóricas para dar conta de perceber e reconhecer os mecanismos que movem as pessoas e as coisas todas dos lugares; para verificar e compreender as dinâmicas que se estabelecem. E acima de tudo, conseguir verificar que são os homens que geram esses movimentos todos, e que pela sua força e capacidade de organização e de condução dos seus destinos, terá influências maiores ou menores advindas do mundo da natureza, das decisões políticas, dos interesses econômicos, externos a ele.

Tendo a compreensão desses mecanismos, o aluno pode pensar o espaço, enxergar o jogo de forças, de origem econômica, natural, política ou cultural que se estabelece e acaba por configurar o espaço tal qual é visto. Nas HQs de alunos analisadas aqui, é possível, num primeiro momento, perceber a preponderância de questões políticas e econômicas, pois a temática escolhida para o trabalho - o capitalismo global - propiciava essa situação. Porém, isso não significa que esse tema não pudesse ser abordado por outro viés.

Admito minha falta, nesse estudo, em dar esse retorno aos alunos da E.M.E.F. Dr. Jorge Germano Sperb. Posso encontrar justificativas para isso na necessidade de concentrar-me o quanto antes para a elaboração deste texto,

porém qualquer argumento pode ter o seu contra-argumento. O fato é que, durante o ato de escrita, outras ideias surgem e o próprio trabalho vai ganhando configurações antes não pensadas.

Essa situação me deixa em dívida comigo mesmo, tornando quase certo meu retorno a esse trabalho, a fim de explorar suas potencialidades e verificar a que resultados ele pode me levar, tendo outra temática geográfica como base e sendo realizado em outra turma, em alguma outra escola de algum outro bairro, em outro espaço.

6 SUGERINDO CAMINHOS

Comecei o trabalho falando sobre a dificuldade, comumente encontrada nas escolas, de dar conta das exigências, necessidades e inquietudes de uma juventude para a qual as promessas de uma vida farta em um futuro distante, conquistada com suor, dedicação e paciência já não convencem mais. Preocupado com a atuação solitária do professor em sala de aula, por ser um deles, argumentei sobre a importância de buscar formas de tocar os alunos com atividades nas quais a memorização não seja a exigência principal e que apresentem uma textualização mais abrangente do mundo, indo além do texto escrito, quadro-verde ou livro didático, mas sem defender a substituição destes. Também este trabalho não tinha como objetivo fazer o discurso em prol de um ensino dito crítico, com temáticas sociais, porém, que muitas vezes acaba se refletindo em atitudes e práticas em aula, digamos, conservadoras. Assim, as Histórias em Quadrinhos seriam uma linguagem apropriada para esse objetivo, desde que não sejam usadas como uma forma de enganar os estudantes para lhes atrair a atenção, ou como uma mera ilustração de um conteúdo.

Assim, procurei fazer uma apresentação sobre o que são os Quadrinhos, os fatos relacionados com a sua história e como, cada vez mais, têm sido tema de trabalhos acadêmicos, focando sua aproximação com a área de educação. Vimos como o uso de imagens para narrar acontecimentos foi comum ao longo da passagem da humanidade através do tempo no planeta. Muitos povos usaram esse recurso, das mais diversas maneiras, riscando em cavernas, esculpindo em pedras, pintando quadros e depois, imprimindo em papel. Então, chegamos às Histórias em Quadrinhos como as conhecemos atualmente: um meio de comunicação de massas conhecido em todo o mundo, portador de códigos linguísticos próprios, no qual a interação com a imaginação do leitor é fundamental para a concretização do seu, digamos, ato comunicacional. Reside aí, a meu ver, um potencial uso para atividades de ensino, particularmente, de Geografia.

Na ênfase em comunicar ideias usando imagens, encontrei um ponto de encontro entre Geografia e Quadrinhos. A ciência geográfica que, através de meios como fotos, imagens de satélite, gráficos e, principalmente, mapas, sempre buscou o convencimento da veracidade de suas proposições pelo

olhar, o que, a meu ver, se aproxima da linguagem quadrinística, cujas imagens fragmentadas e apresentadas em quadrinhos ganham um sentido na mente do leitor. Com a chamada “virada cultural”, novas concepções se tornam possíveis e o que antes era considerado apenas um meio transmissor de mensagens, passa a ser visto, também, como um produtor das mesmas. Dessa forma, a aula de Geografia pode incorporar outras linguagens, possibilitando novas leituras de mundo, em diferentes textos.

A escolha da escola para realização do trabalho de campo foi um ponto fundamental, pois através da relação com o colega titular das turmas, a aproximação com a comunidade escolar e os alunos se deu de maneira muito tranquila, possibilitando que eu fosse recebido não como um intruso ou um pesquisador de fora; ao invés disso, eu era, de fato, mais um entre todos. Os estudantes se mostraram receptivos à minha proposta e, de forma geral, realizaram as tarefas com empenho. As atividades cumpriram um papel de instigar questionamentos e aprofundar debates junto aos jovens, indo além do conteúdo apresentado em aula, permitindo-lhes fazer relações e comparações espaciais, inclusive, demonstrando visões sobre sua cidade distintas daquelas divulgadas pela prefeitura. Qualquer acidental insuficiência das suas respostas e reflexões, bem como um tratamento mais apurado do assunto, provavelmente se deva à forma como elaborei minhas questões a eles. Porém, como este trabalho está longe de esgotar o tema, existe sempre a possibilidade de acréscimos, revisões e releituras.

Sendo as imagens um importante meio pelo qual conhecemos o mundo, trabalhar com elas no ensino de Geografia se faz necessário e a maneira particular com que a linguagem dos Quadrinhos comunica tem muito a acrescentar a essa empreitada. As HQs podem auxiliar na construção de um olhar capaz de distinguir e dar sentido à torrente de imagens que nos chegam todos os dias pela mídia, procurando, assim, a interpelação dos discursos e praticando, portanto, uma leitura que é mais do que a recitação de palavras escritas, porque:

Leitura não é só livro. Leitura é tudo. [...] Assim, pode-se dizer que uma leitura sempre é o caminho para outras mais, numa espiral sem começo ou fim. Um *outdoor* leva a uma fotografia, que leva a um vídeo, que leva a um

programa de televisão, que leva a um desenho animado, que leva a uma história em quadrinhos, que leva a um livro, que leva a um filme, que leva a um *outdoor* anunciando a estréia de um longa-metragem (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p.40)

É importante destacar que as propostas de atividades não tiveram como objetivo uma substituição de outros procedimentos. Aliás, minha experiência se deu de forma complementar a aula expositiva do professor titular da turma participante do estudo. Nesse sentido, então, o trabalho não visou à superação de um dito modo antigo ou tradicional, nem se apresentou como a salvação para professores cansados e alunos desinteressados. Os Quadrinhos podem servir de ferramenta auxiliar para o conteúdo de Geografia, mas avançar desse uso puramente utilitarista para a construção de uma aula mais criativa e instigante me parece de grande interesse.

Sobre os Quadrinhos em sala de aula, Vergueiro e Ramos (2009, p.9) colocam: “Houve um tempo, não tão distante assim, em que levar revistas em quadrinhos para a sala de aula era motivo de repreensão por parte dos professores”. Se no passado as HQs eram incompatíveis com o ambiente escolar, essa realidade, como vimos, tem mudado. Minha própria experiência nesse estudo me mostrou o que, para mim, foi uma novidade: o professor, no caso, eu, foi quem proporcionou a aproximação dos estudantes com os Quadrinhos, pois, o pouco contato dos jovens com essa linguagem, supostamente tão ligada a eles, foi um ponto inesperado do trabalho. Essa situação pode ser generalizada para outras escolas? A juventude atual se interessa por acompanhar outras mídias mais sofisticadas e a arte das imagens sequenciais está perdendo terreno com esse público? Acredito serem essas questões para outro trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Alexandre ET AL (Org.) **Como Usar as Histórias em Quadrinhos na Sala de Aula**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 87-104.
- BAUMANN, Zygmunt. A Vida Líquido-Moderna e seus Medos. In: _____ .**Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p. 11-32.
- CALLAI, Helena Copetti. Do Ensinar Geografia ao Produzir o Pensamento Geográfico. In: REGO, Nelson et al (Orgs.) **Um Pouco do Mundo Cabe nas Mãos**. Porto Alegre: UFRGS, 2003. P. 57-72.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Ciência Geográfica e Ensino de Geografia In:_____. **Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos**. 7. Ed. Campinas: Papirus, 2005. p. 15-29.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos et al (Orgs.) **Ensino de Geografia: Práticas e textualizações no cotidiano**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2003. p. 11-79.
- COSGROVE, Denis. Geografia Cultural do Milênio. In: ROSENDHAL, Zeny; CORRÊA, Roberto L (Orgs.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 17-46.
- COSGROVE, Denis. Geographic and Cosmological Visions. In: _____. **Geography & Vision: seeing, imagining and representing the world**. Londre: I.B. Tauris, 2008. p. 13-48.
- COSTA, Marisa Vorraber. Quem são, que querem, que fazer com eles? Eis que chegam às nossas escolas as crianças e jovens do século XXI. In: MOREIRA, Antonio Flávio; GARCIA, Regina Leite; ALVES, Maria Palmira (Orgs.). **Currículo: Pensar, Sentir e Diferir** (v. II). Rio de Janeiro: DP&A, 2005. (no prelo).
- EISNER, Will. **Quadrinhos e Arte Sequencial**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 144-152.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Os Estudos Culturais em Debate. **UNlrevista**, São Leopoldo, v.1, n. 3, p. 1-8, jul. 2006.
- FISCHER, Rosa B. Mídia, Máquina de Imagens e Práticas Pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 35, p. 290-299, maio/ago. 2007.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1996. p. 51-79.

FOUCAULT, Michel. **Isto não é um Cachimbo**. Sabotagem, 2004. Disponível em <http://ebookbrowse.com/foucault-michel-isto-nao-e-um-cachimbo-pdf-d69456233>. Acesso em: 2 mar. 2011.

GALLO, Silvio. Deslocamentos: Deleuze e a Educação. In: _____. **Deleuze & a Educação**. 2. ed. Campinas: Autêntica, 2003. p. 53-91.

GAMALHO, Nola P. **A Produção da Periferia**: das representações do espaço ao espaço de representação no bairro restinga – porto alegre/RS. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 159 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

GERZSON, Vera Regina S. **A Mídia Como Dispositivo de Governamentalidade Neoliberal**: os discursos sobre educação nas revistas Veja, Época e IstoÉ. Porto Alegre: UFRGS, 2007. 164 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 2007.

GOETTERT, Jones D. “Desimaginando” o Mundo Pelas Margens do “Desmundo”: pensando espaço em “dobras” da literatura e do cinema. **Terra Livre**, São Paulo, v.1, n.34, p. 79-108, jan/jun. 2010.

GOMES, Paulo César da Costa; GÓIS, Marcos Paulo Ferreira de. A Cidade em Quadrinhos: elementos para a análise da espacialidade nas histórias em quadrinhos. **Revista Cidades**, São Paulo, v.5, n.7, p. 17-32, 2008.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, nº2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

JARCEM, René G. R. **História das Histórias em Quadrinhos**. História, imagem e narrativas, n. 5, ano 3, set. 2007. Disponível em <http://www.historiaimagem.com.br/edicao5setembro2007/06-historia-hq-jarcem.pdg>. Acesso em 10 fev. 2011.

KAERCHER, Nestor André. **A Geografia Escolar na Prática Docente**: a utopia e os obstáculos epistemológicos da Geografia Crítica. 2004. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia

Humana. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.

McLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995. p. 24-93.

MOYA, Álvaro de. Era Uma vez um Menino Amarelo. In:_____. **Shazam!** 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1977. p. 15-96.

OLIVEIRA, Reinaldo de; MOYA, Álvaro de. História (dos quadrinhos) no Brasil. In: MOYA, Álvaro de. **Shazam!** 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1977. p. 197-236.

OLIVEIRA JR, Wenceslao M de. Grafar o Espaço, Educar os Olhos. Rumo a geografias menores. **Pro-Posições**, Campinas, v.20, n.3 (60), p. 17-28, set/dez. 2009.

OLIVEIRA JR, Wenceslao M de. Vídeos, Resistências e Geografias Menores: Linguagens e maneiras contemporâneas de resistir. **Terra Livre**, São Paulo, v.1, n.34, p. 161-176, jan/jun. 2010.

OLIVEIRA JR, Wenceslao M de. Fotografias Dizem do (nosso) Mundo: educação visual no encarte *Megacidades*, do jornal *O Estado de São Paulo*. In: TONINI, Ivaine Maria et al (Orgs.) **O Ensino de Geografia e suas Composições Curriculares**. Porto Alegre: UFRGS, 2011. p. 245-257.

RAMA, Ângela. Os Quadrinhos no Ensino de Geografia. In: BARBOSA, Alexandre et al (Orgs.) **Como Usar as Histórias em Quadrinhos na Sala de Aula**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 87-104.

RAMOS, Paulo. **A Leitura das Histórias em Quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 15-30.

REGO, Nelson; SUERTEGARAY, Dirce; HEIDRICH, Álvaro. O Ensino de Geografia Como Uma Hermenêutica Instauradora. In: REGO, Nelson et al (Orgs.) **Um Pouco do Mundo Cabe nas Mãos**. Porto Alegre: UFRGS, 2003. p. 275-308.

SILVA, Eunice Isaias da. **A Linguagem dos Quadrinhos na Mediação do Ensino de Geografia**: charges e tiras de quadrinhos no estudo de cidade. Goiânia: UFG, 2010. 214 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

SILVA, Marta Regina Paulo da. Histórias em Quadrinhos e Leitura de Mundo: a linguagem quadrinhística na formação de professores e professoras. In: NETO, Elydio dos Santos et al (Orgs.) **Histórias em Quadrinhos & Educação: formação e prática docente**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2011. p. 57-71.

SILVEIRA, Márcia Castiglio da. **Produção de Significados Sobre Matemática nos Cartuns**. Porto Alegre: UFRGS, 2002. 85 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

TONINI, Ivaine M. **Identidades Capturadas: Gênero, geração e etnia na hierarquia territorial dos livros didáticos de Geografia**. Porto Alegre: UFRGS, 2002. 136 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização necessária”. In: BARBOSA, Alexandre et al (Org.) **Como Usar as Histórias em Quadrinhos na Sala de Aula**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 31-64.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. Os quadrinhos (oficialmente) na escola: dos PCN ao PNBE. In: _____ . **Quadrinhos na Educação**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 9-42.

VESENTINI, José W. Realidades e perspectivas do ensino de Geografia no Brasil. In: _____ . **O Ensino de Geografia no Século XXI**. Campinas: Papirus, 2004. p. 219-248.

REFERÊNCIAS DAS FIGURAS

ACTION Comics, *Abril Jovem*, set. 1994, capa.

AEOL – Arteducação online: dia da criança é todo dia. 2010. Disponível em: <<http://i793.photobucket.com/albums/yy216/JMNeto/Bruegel.jpg?t=1286335725>>. Acesso em: 2 dez. 2011.

ARAGONÉS, Sérgio. **Mais que palavras**. São Paulo: Abril, 1999.

ASSIM nasce uma nova porto alegre. **Zero Hora**, Porto Alegre, 29 set. 1970, p. 2.

AUTO Povo: Fevereiro 2011. 2011. Disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/_MQvxS4fHSCo/TUrgfmQ2Jcl/AAAAAAAAAGE/3MKI Ziq1fJY/s320/engarramento.jpg>. Acesso em: 9 set. 2011.

BERNET, Jordi. **Jonah hex: origens**. São Paulo: Panini Comics, 2011.

BOLETIM Eletrônico. 2009. Disponível em: <<http://www.agenciasindical.com.br/imagens/geral/f%C3%A1brica%20Chery.jpg>>. Acesso em: 9 set. 2011.

GODOY, Marcela; FERIGATO, Eduardo. **Fractal**. São Paulo: Devir, 2009.

CARDOSO, Wagner I. Praça da Alfândega [Sem Título]. Porto Alegre, RS, 2010. 1 fotografia, color. 20 cm x 29 cm.

CEDRAZ, Antonio. **A turma do xaxado**. São Paulo: Cedraz, 2006.

DE Aetatibus Mundi Images. 2008. Disponível em: <http://farm4.staticflickr.com/3172/3103883455_fb9509af93_o.jpg>. Acesso em: 2 jan. 2011.

ÉPOCA: como fazer seu filho chegar lá. 2003. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/edic/267/capa1.jpg>>. Acesso em: 1 dez. 2011.

EXPLORINGGGEOPOLITCS: mackinder and spykman and the new world energy order. 2007. Disponível em: <http://www.exploringgeopolitics.org/images/map2_russia.gif>. Acesso em: 2 ago. 2011.

GARCIA, Valquíria P.; BELLUCCI, Beluce. **Projeto radix – geografia – 8º ano**. São Paulo: Scipione, 2009.

GRUPO Retis: esquema da linha de demarcação Tratado de Tordesilhas. 2002. Disponível em: <<http://www.igeo.ufrj.br/fronteiras/mapas/tordesilhas.gif>>. Acesso em: 2 ago. 2011.

HISTÓRIA e Cultura das Artes: a escultura romana. 2010. Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/_oBV3GXSHPYI/TQT3aslrclg/AAAAAAAAACA/sKdCdkynufI/s320/93_-_Coluna_de_Trajano.jpg>. Acesso em: 1 dez. 2011.

HISTÓRIA e Cultura das Artes: a escultura romana. 2010. Disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/_oBV3GXSHPYI/TQT3dE4pZDI/AAAAAAAAACE/RBnD8USQ_Ck/s1600/1445821.jpg>. Acesso em: 1 dez. 2011.

LUMINARIUM: Encyclopedia Project. 2010. Disponível em: <<http://www.luminarium.org/encyclopedia/spheres5.jpg>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

McLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995.

MOVIMENTO Missionário Jovem: ore por dois cristãos presos no norte da África. 2009. Disponível em: <<http://www.mytravelguide.com/g/maps/North-Africa-map.gif>>. Acesso em: 2 jan. 2011.

MUSEU do Polt: pintura rupestre. 2011. Disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/-0E9HrdXCKxg/TeYUEDggnMI/AAAAAAAAAHo/Q5NXmBiZv1w/s1600/piaui_serra_capivara.jpg>. Acesso em: 1 dez. 2011.

O Escriba Egípcio: hieróglifos egípcios. 2009. Disponível em: <<http://www.patolagames.com.br/curso/images/estela1.gif>>. Acesso em: 1 dez. 2011.

1896: newspaper wars: 1997. Disponível em: <<http://projects.vassar.edu/1896/yelo-kid.gif>>. Acesso em 1 dez. 2011.

OTAKUS Naruto: o jovem escritor. 2011. Disponível em: <http://1.bp.blogspot.com/_4MlxWASg4tc/S9jUdDKGuul/AAAAAAAAAGk/gJ8B0lh08qw/s1600/naruto.JPG>. Acesso em 10 jan. 2012.

PREFEITURA Municipal de São Leopoldo. 2011. Disponível em: <http://www.saoleopoldo.rs.gov.br/imgs_textos/camara1.jpg>. Acesso em: 9 set. 2011.

PREFEITURA Municipal de São Leopoldo. 2011. Disponível em: <https://www.saoleopoldo.rs.gov.br/imgs_textos/vistadacidade.jpg>. Acesso em: 9 set. 2011.

QUADRINHOS Antigos: tico-tico. 2011. Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/_GwvxN1FL2_g/TSCzTKOPdAI/AAAAAAAAABPA/vsLDh-0LQdE/s1600/tico-abr-1948.jpg>. Acesso em: 2 dez. 2011.

QUADRINHOS Universo HQ. 2002. Disponível em:
<<http://www.universohq.com/quadrinhos/images/ChristianoMascaro01.jpg>>.

Acesso em: 9 set. 2011.

QUADRINHOS Universo HQ. 2002. Disponível em:
<<http://www.universohq.com/quadrinhos/images/ChristianoMascaro02.jpg>>.

Acesso em: 9 set. 2011.

SEDENTÁRIO & Hiperativo: anjos cabalísticos. 2010. Disponível em:
<<http://www.sedentario.org/wp-content/uploads/2010/10/shemhameforash.jpg>>.

Acesso em: 2 ago. 2011.

TEZUKA, Osamu. **Buda**. São Paulo: Conrad, 2005.